# NOTAS E TRANSCRIÇÕES

## PERCORRENDO A RUA DA PALMA

MOZART SORIANO ADERALDO

Em fins do ano passado, publicámos, em "Unitário", uma série de artigos sôbre pequeno trecho da atual Rua Barão do Rio Branco, atrevendo-nos a completar preciosas informações de João Nogueira, sôbre a antiga rua Formosa. Amigos houve que gostaram do nosso trabalho, incentivando-nos a prosseguir nessas pesquisas.

Acresce que Gustavo Barroso, a crônica viva da nossa capital, aqui estêve, em novembro de 1957, participando das comemorações da semana de "O Guarani", oportunidade em que percorreu, com um grupo de amigos, entre os quais nos achávamos, tôda a Rua Major Facundo, no trecho correspondente à antiga rua da Palma, isto é, do Passeio Público à Praça do Ferreira, fornecendo-nos valiosos dados para a reconstituição daquela parte da cidade, no início do século. Êstes informes e mais elementos colhidos nas "Memórias", do mesmo Gustavo Barroso, na "Fortaleza Velha", de João Nogueira, e na "Descrição da Cidade de Fortaleza", de Antônio Bezerra, além de dados outros existentes em reportagens de Antônio Teodorico da Costa, Herman Lima, Hugo Vitor e "Outro Aramac" (pseudônimo que esconde autor por nós não identificado), bem como informações pessoais de Raimundo Girão, Manuel Albano Amora, Mário Linhares, Waldir Liebmann e outros curiosos das coisas do passado — tudo isto nos animou a enfrentar a difícil tarefa de escrever a crônica da velha rua da Palma.

Seria desnecessário salientar que, em trabalho dessa natureza, não teríamos a pretensão de esgotar o assunto, mas, apenas, ajudar, modestamente embora, àqueles que lutam por que se não percam êsses suaves perfumes do passado, sem os quais seria impossível qualquer tipo de civilização adiantada.

Comecemos, pois.

**1º quarteirão (entre as Ruas Dr. João Moreira e Castro e Silva) — Lado da sombra:**

Dêsse quarteirão, nos diz "Outro Aramac" que, em 1845, "começava (sentido sul-norte) na esquina da rua das Flôres, casa n. terminando quase completo no sobrado do Odorico, onde funcionava o Liceu, na Praça do Paiol. Residiam ali o coronel Paiva, D. Florência Sampaio, Joaquim Alves, João Francisco Jatobá, família Sabóia, etc."

Como se teria transformado êle, através das tempos? Veremos a seguir, no sentido inverso (norte-sul):

Nº 2 — Prédio onde se acha o "Palace Hotel", alugado pela Imobiliária José Gentil a José Raimundo Gondim, cujo pai, Efren Gondim, se tornou, em 1927, inquilino do capitalista José Gentil Alves de Carvalho, para nêle instalar o "Palace".

O prédio atual se compõe do imóvel que, como hoje, recebia antigamente o número 2 (nove portas e um portão) e de uma casinha de duas portas que se lhe seguia na mesma rua, a respeito da qual falaremos adiante. Convém salientar que o prédio antigo tinha apenas dois pavimentos e fôra construído, por sua vez, no local de um antigo sobrado pertencente a Odorico Segismundo de Arnaut. Neste sobrado velho foi instalado, a 19 de outubro de 1845, o recém-criado Liceu do Ceará, pela aluguel de 350$000 anuais. Em fevereiro de 1843, o Liceu se passou para uma das frentes do prédio da Tesouraria Provincial (depois Secretaria da Fazenda, Arquivo Público e Museu Histórico e, por último, Instituto do Ceará, sendo demolido, em 1957, para no local se levantar o Forum Clóvis Beviláqua), aí ficando até julho de 1851, quando voltou ao pavimento superior do sobrado nº 2 da Rua Major Facundo, retornando, porém, ao prédio da Tesouraria Provincial, em dezembro do mesmo ano. Como dissemos a princípio, "o sobrado de Odorico Segismundo de Arnaut, em cuja sala se inaugurou o Liceu, foi mais tarde demolido, e em seu lugar se levantou o sobrado dos herdeiros de Dario Teles de Menezes, à praça dos Mártires n. 13, fazendo esquina à Rua do Major Facundo n. 2, que é ocupado presentemente pela associação do "Clube Cearense" (Antônio Bezerra, "Descrição da Cidade de Fortaleza", Revista do Instituto do Ceará, tomo IX, 3º e 4º trimestres de 1895, pág. 159). Entre os herdeiros de Dario Teles de Menezes constava D. Emília Borges Teles do Amaral, que veio a casar-se com o abolicionista cearense José do Amaral, que com ela convolou segundas núpcias.

O "Clube Cearense", na década que se iniciou em 1890, ocupou, como o declara Antônio Bezerra, êste segundo prédio levantado no local. Antes de encerrar suas atividades, a referida associação mudou-se para o imóvel que hoje abriga o "Serviluz", esquina sudoeste das ruas Dr. João Moreira e Floriano Peixoto, aí dissolvendo-se no fim do século passado ou início do presente, quando se lhe seguiram a repartição do Correio (ainda separada do Telégrafo Nacional), o "Cabo Submarino" e a "Ceará Light".

Com a aludida mudança do "Clube Cearense", no prédio nº 2

da Rua Major Facundo, instalou-se a "Fênix Caixeiral", vinda do sobrado em que atualmente se acha o "Banco de Crédito Comercial", esquina sudoeste das ruas Floriano Peixoto e S. Paulo, onde, depois, estêve a Casa Bordalo. A "Fênix" ocupou, por alguns anos, o prédio nº 2 da Rua Major Facundo, mudando-se, conforme veremos, para outro do segundo quarteirão da mesma rua (próximo ao sobradão onde funcionou o Tribunal da Relação, atual n. 154-156), até que se transferiu paar a sede própria que construiu na atual Praça José de Alencar, então Marquês do Herval. Trata-se daquele casarão da esquina noroeste do cruzamento das Ruas Cel. Guilherme Rocha e General Sampaio, há pouco demolido, depois de abrigar o "Instituto Politécnico", o Telégrafo Nacional, o jornal "O Ceará", o "Centro Estudantal Cearense" e a Justiça do Trabalho, para, em seu lugar, se erigir o inconcluso arranha-céu destinado a hospital dos fenixtas, visto como, há muito, nova sede desta agremiação foi erguida, mais majestosa, na esquina noroeste das Ruas Cel. Guilherme Rocha e 24 de Maio, no lugar da antiga residência do Comendador Antônio Pinto Nogueira Accioly, incendiada pela massa popular em 1912.

No prédio nº 2 da Rua Major Facundo, a "Fênix" foi sucedida pelo "Hotel de France", cujos proprietários eram o francês Louis Dragaud, pai do futuro ourives Horácio Dragaud, o alsaciano Isidor Braun, pai do corretor de navios Jefferson Braun, e o francês Louis Gonthier, pai de Noélia Gonthier, alma apostólica prematuramente desaparecida. O "Hotel de France", antes se abrigara nos prédios hoje nº 125 e 131, da mesma rua, como veremos.

Tudo indica que havia desentendimento entre os herdeiros de Dario Teles de Menezes, pendência que sòmente se teria resolvido a 17 de abril de 1925, quando D. Laura Maia Teles, viúva de Dario Borges Teles e seus filhos, entre os quais o futuro musicista cearense Lauro Maia, meu contemporâneo do Liceu do Ceará, e D. Eugênia Campos Teles e seus filhos, resolveram amigàvelmente a questão, recebendo de Manuel Borges Teles, conhecido por Manoelito Borges, a quantia de vinte contos de réis. Este último e sua mulher, D. Clarisse Marie Léonie Borges Teles, conjuntamente com D. Emília Borges Teles do Amaral, venderam, três dias depois, isto é, a 20 do mesmo mês e ano, todo o imóvel (nove portas e um portão), ao Cel. José Gentil Alves de Carvalho, pela importância de oitenta contos de réis. Tudo isto consta de escrituras lavradas no Cartório Alexandrino Diógenes. O novo proprietário reformou o predio, acrescentando-lhe o terceiro pavimento e adjudicando-lhe a casa de duas portas que a êle se seguia na mesma rua, assobradando-a, após o que o alugou a Efren Gondim, como foi dito de início. Este, até então arrendatário do restaurante "Rotisserie", veio da esquina sudeste das ruas Cel. Guilherme Rocha e Floriano Peixoto, onde se instalou um salão

bilhar (térreo) e se abrigou o "Clube Iracema" (altos), conservando, porém, o velho nome, impròpriamente embora.

Na década que se iniciou em 1940, nova reforma sofreu o prédio do "Palace", juntando-se-lhe o imóvel vizinho pelo lado da Rua Dr. João Moreira, fato que concorreu para aumentar de muito as suas acomodações.

Raimundo Girão, em seu estudo sôbre "A Abolição no Ceará" (Editôra A. Batista Fontenele, Fortaleza, 1956, nota à pág. 132), informa que o "Hotel do Norte" funcionava, em fins de 1882, no prédio onde se instalaria, futuramente, o "Palace". Engano que o mesmo abalizado historiador hoje oralmente corrige, pois o "Hotel do Norte" estava, àquela época, no prédio em que se acha o "Serviluz", já referido. Perde, assim, o prédio do "Palace" a honra de ter oferecido seus salões para uma recepção a José do Patrocínio, o "Tigre da Abolição", quando por aqui andou em propaganda de suas idéias.

Por outro lado, Manuel Albano Amora, na síntese histórica que fêz de "A Academia Cearense de Letras" (Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza, 1957, pág. 21), diz que esta foi oficialmente fundada no salão de honra da "Fênix Caixeiral", então estabelecida no prédio onde se instalaria o "Palace", baseado em informação do engenheiro Luís Marinho de Albuquerque Andrade. Outro engano, que o conscienciosо pesquisador também oralmente corrige. De fato, vimos que na década iniciada em 1890 o aludido prédio do "Palace" abrigava o "Clube Cearense", sòmente vindo a ocupá-lo a "Fênix" no início do corrente século. Onde, pois, se teria instalado a Academia? No prédio do atual "Banco de Crédito Comercial", sede anterior da "Fênix"? O problema será definitivamente resolvido à luz das atas da própria "Fênix", onde, certamente, consta o enderêço de sua sede social a 15 de agôsto de 1894, data da fundação da Academia; todavia, arrisquemos nossa opinião a respeito. No referido trabalho de Antônio Bezerra, está dito que a repartição do Correio funcionava no prédio nº 2, da Rua Floriano Peixoto (então da Boa Vista), face a um contrato celebrado a 24 de setembro de 1894 e aprovado a 13 de dezembro do mesmo ano (págs. 276 e 277). Claro que, diante dessa informação, o estudo de Antônio Bezerra é posterior a dezembro de 1894. Ora, a Academia Cearense foi fundada a 15 de agôsto do mesmo ano e, segundo a ata então lavrada, na sede da "Fênix". Pois é Antônio Bezerra quem, no mesmo estudo (pág. 277), nos diz que a "Fênix", fundada em 1891 e instalada no "Clube Iracema", então no prédio que, depois, serviu de sede para a Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará (Rua Barão do Rio Branco, lado do sol do quarteirão compreendido entre as ruas Pedro Pereira e Pedro I), passou a funcionar no prédio nº 103 (antigo) da rua Formosa (depois Barão do Rio Branco), achando-se então (em dezembro de 1894 ou início de 1895), no "andar superior do prédio nº 14 (antigo) da Rua Flo-

riano Peixoto, esquina da Assembléia" (Pág. 284). Tudo indica, pois, até prova irrefutável em contrário, que foi no prédio hoje reformado e onde se instala o "Banco de Crédito Comercial" (esquina sudoeste das Ruas Floriano Peixoto e S. Paulo, antiga da Assembléia), que se fundou a Academia Cearense de Letras, e não no do "Palace Hotel", que assim perde mais esta honra.

S/N — Os chamados "fundos" do "Palace" correspondem à casa de beira-e-bica e duas portas, ali antes existente, onde se instalava uma "república" de rapazes, um dos quais, Abdon Franklin do Nascimento, viria a ser pai do economista José Abreu do Nascimento e de suas irmãs Odete e Otília. Alugou-a, posteriormente, a família de um libanês, cuja viúva, D. Armênia, ainda vive, proprietária que é, com sua filha Odila, de uma loja, "A Feira Livre", à Rua Floriano Peixoto n. 248, vizinha, lado norte, da casa "O Gabriel".

Reformada, assobradada e adjudicada ao "Palace", nos altos desta antiga casinha da Rua Major Facundo hospedou-se por muitos anos o Cel. Dracon Barreto, Comandante do 23º B. C. e Presidente do Conselho Administrativo do Estado, ao tempo da ditadura getuliana.

N. 44 — Casa térrea de três portas, que ostentava dois "jacarés", sistema antigo de escoamento das águas pluviais colhidas pelos telhados dos prédios. Hoje é um dos depósitos do Armazém Esplanada, estabelecidos nos ns. 55-61, em frente.

Nela morava o Comandante da Escola Militar do Ceará, então aqui existente e instalada, à época, no prédio ligado à Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, na Praça dos Mártires (Passeio Público). Queremos falar do Cel. Siqueira de Menezes, sergipano, que depois foi personagem importante de "Os Sertões" e por Euclides da Cunha cognominado "Jagunço Louro", de quem também nos fala Gilberto Amado no segundo volume de suas "Memórias".

Seguiu-se-lhe, não sabemos se com a intercalação de outros inquilinos, o pai do futuro Dr . Vulpiano Cavalcante.

Em 1926, Benjamim Barroso, vindo disputar com o Dr. Francisco Sá, ao tempo do govêrno do Des. Moreira da Rocha, então Presidente do Estado, a Senatória Federal, hospedou-se nesta casa.

Menos remotamente, com a instalação do "Palace" passou a ocupá-la a família de Efren Gondim.

Tendo sido òbviamente reformada, creio que essa transformação se deu mais ou menos ao tempo da primeira ocorrida no prédio do "Palace", dado que seu novo inquilino seria o gerente do hotel vizinho.

Serviu, posteriormente, para sede de uma casa comercial.

N. 52 — Casa térrea de três portas, hoje sede da Agência João Cândido de Transporte Rodoviário. Era casa de beira-e-bica, cuja reforma não conseguiu esconder de todo sua velhice respeitável, del-

xando à mostra, nas últimas dependências do prédio, as ripas de carnaúba de seu antigo telhado.

Ocupava-na, no início do século, D. Belinha Sabóia, parenta do engenheiro Inácio Marques Dias, que residia em casa da Rua Barão do Rio Branco, na mesma confrontação. A família Sabóia, como vimos no trabalho de "Outro Aramac", ocupava, já em 1845, casa dêsse quarteirão, provàvelmente esta.

N. 54 — Casa térrea de três portas, hoje abrigando a Agência Senhor do Bonfim (transporte rodoviário) e, nos seus fundos, uma pensão familiar.

Antigamente era uma casa de beira-e-bica, ocupada por Jorge Fiúza, durante muitos anos empregado da Casa Boris, pai de Sara (futura espôsa de Vítor Leão, revolucionário de 1930, hoje falecido), Laura (futura espôsa do Dr. Hugo Rocha, por muitos anos Diretor da R. V. C.), Nair (futura espôsa do Dr. Carloto Pergentino Maia, cartorário) e Alba (hoje Irmã de Caridade, em São Paulo). Jorge Fiúza era casado com D. Maria Basilissa Fiúza, filha do Desembargador Joaquim Pauleta Bastos de Oliveira e de D. Alix, sua espôsa, residentes na vizinhança (n. 78).

Ocupou depois esta casa a firma Ranulfo Tôrres Rapôso, proprietária do "Almanaque da Parnaíba".

N. 62 — Sobrado de três portas, atualmente fechado. Ostentava dois "jacarés", hoje desaparecidos. Construído por José Gomes Barbosa, português rico que possuia o sítio "Macapá" na serra de Guaramiranga.

Não sabemos se por gentileza de José Gomes Barbosa ou de outro ocupante do prédio, aí hospedava-se o Pe. Cícero Romão Batista, quando vinha a Fortaleza.

Depois de José Gomes Barbosa, nêle morou Manuel Ricardo de Holanda Júnior, casado com D. Mariinha, de quem é filha a Dra. Luci de Holanda. Residência da família nos altos e escritório comercial no pavimento térreo.

Tempos depois, foi sede do escritório e depósito do Laboratório Moura Brasil.

Atualmente fechado, como dissemos de início, êste sobrado pertence a Antônio Albuquerque, proprietário da "Aba Film".

N. 70 — Casa térrea de três portas, hoje se acha fechada ou é depósito de alguma casa comercial.

Nela residiu o musicista Jorge Vítor, pai do maestro Henrique Jorge e avô paterno do futuro Governador Paulo Sarasate e do jornalista João Jacques.

Sucedeu-lhe, na ocupação desta casa, Augusto Cabral, pai de uma moça cuja beleza marcou época, a Zizi, e cuja irmã foi depois eleita "miss" Praça dos Voluntários. Seguiu-se-lhe Venefrido Melo, casado

com uma irmã do poeta Mário Sobreira de Andrade (Mário de Andrade, do Norte) e pai de Nertã, Nivardo e Fausto Melo.

Nela, posteriormente, instalou-se uma casa de móveis, durante algum tempo.

N. 78 — Casa térrea de duas portas, atualmente fechada ou servindo de depósito a alguma casa comercial.

Nela residiu o desembargador Joaquim Pauleta Bastos de Oliveira. Ocupou-a, a seguir, um funcionário da Delegacia Fiscal, sergipano, negro retinto, pai de dois rapazes, um sargento e um estudante, muito ciosos da alta posição que seu pai, apesar de homem de côr, conquistara naquela repartição federal. Tempos depois, morou nela o jornalista Pais de Castro. Afinal, foi adquirida por Alabibe Belém, que a habitou por alguns anos, depois mudando-se para Quixeramobim, onde é fazendeira.

N. 82 — Antiga casa térrea de três portas, hoje rasgadas para melhor movimentação do comércio nela instalado, a loja de Pascoal de Castro Alves.

Nela residiam as Curinguinhas, fabricantes, na informação de Gustavo Barroso, dos melhores pães-de-ló torrados da cidade. Apelidavam-nas assim porque eram irmãs de José Francisco Ribeiro Bertran, negociante que recebia a alcunha de Curinga porque parecia muitíssimo com a figura dessa carta do baralho. Fenômeno, aliás, muito comum no Ceará de antanho, quando eram adjudicados aos demais membros das famílias os apelidos de seus chefes, alcunhas que, não raro, eram afinal adotadas oficialmente. Veremos isto quando falarmos das Mississipis e de Pedro Mundório, moradores da primeira casa dêste quarteirão da Rua Major Facundo, lado do sol.

As Curinguinhas foram sucedidas por D. Quininha, tia de Alcino Coimbra, que com ela morava, depois diplomado em Medicina e hoje falecido, e de Aluísio Coimbra, um dos mais belos talentos de sua geração, bacharel em Direito, também prematuramente desaparecido.

Foi sua ocupante posteriormente, D. Josepi Sabóia Marques Dias, viúva de Adelino Marques Dias, irmão de Tomás Marques Dias, ainda hoje proprietário do imóvel.

Nobre gesto de sua sogra, D. Maroca, cuja residência, na Rua Barão do Rio Branco, tinha fundos correspondentes a esta! É que, morrendo Adelino sem deixar recursos para a viúva e filhos, conseqüência da vida boêmia que levava, sua mãe, sobrevivente, amparou a nora e os netos (José, hoje Caixa do London Bank, e Maria Alice, futura espôsa do dentista Ivã César, antigo ás do futebol cearense, conhecido pela alcunha de "Carinha"), destinando-lhes a casa para nela morarem e ajudando-os no mais.

Ocupou-a, depois, Francisco Riquet Nogueira, pai de Pedro e Aluísio Riquet.

N. 82 — Casa assobradada de três portas, hoje rasgadas por con-

veniência comercial. Atualmente abriga a firma de Alberto Craveiro & Cia., instalando-se no térreo a seção de vendas e no segundo pavimento o escritório.

Nela residia o Desembargador Joaquim Olímpio de Paiva e, depois de se ter casado em Minas Gerais, ocupou-a o libanês Nagib Gazelli, dono da loja "A Libanesa", (esquina noroeste das Ruas Senador Alencar e Floriano Peixoto) e sua filial (Rua Gen. Bezerril, 219) e pai de Francisco e José Gazelli, êste último meu ex-aluno na Faculdade de Ciências Econômicas.

Com a mudança de Nagib Gazelli para uma casa na Praça dos Mártires (Passeio Público), o prédio n. 92 da Rua Major Facundo perdeu sua destinação residencial e passou a ser sede de firmas comerciais.

N. 92 — Casa térrea de pelo menos quatro portas para a Rua Major Facundo, hoje rasgadas por conveniência comercial, abrigando, como há muitos anos, o escritório de Álvaro de Castro Correia, chefiado, depois, por seus filhos Álvaro César, meu antigo colega no Colégio Cearense e no CPOR, e, com a morte prematura dêste, Francisco de Assis Correia.

Nela residiu, no início do corrente século, o pai do Desembargador Joaquim Olímpio de Paiva, Cel. Brito Paiva, célebre pelos vexames que os abolicionistas, seus ferrenhos adversários, lhe infligiram.

É a última casa do quarteirão, esquina com a Rua Castro e Silva.

**1º Quarteirão (entre as Ruas Dr. João Moreira e Castro e Silva) — Lado do sol.**

Dêsse quarteirão nos diz "Outro Aramac" que, em 1845, "começava (sentido sul-norte) na casa de esquina n. 15 habitada pelo Dr. Pompeu, e terminava na esquina de Pedro Mundório, na praça do Paiol, havendo pouca e má edificação entre os dois extremos."

Percorramos êsse primeiro quarteirão da Rua Major Facundo, lado do sol, no sentido contrário ao de "Outro Aramac", isto é, norte-sul.

N. 11 — Antigo sobradinho, de sete portas no pavimento térreo e sete janelinhas no superior, tudo para a Rua Major Facundo, ostentando antigamente quatro "jacarés", hoje desaparecidos. Atualmente, "Casa das Bombas", seção dos negócios de Pascoal de Castro Alves, estabelecido no mesmo quarteirão, n. 82, como vimos.

Em 1845 — diz-nos "Outro Aramac", conforme foi transcrito — aqui residia ou tinha negócio Pedro Mundório, "velho mestre de latim de aula régia" que vivia declinando **Mundus-Mundorum** e por isso recebeu a alcunha de Mundório ("Coração de Menino", Gustavo Barroso, Getúlio M. Costa — Edto., Rio, 1939, pág. 141), a qual passou aos familiares, seguindo costume da época. Pelo fim do século, aqui

moravam as Mississipis, solteironas que "se rebocavam de branco e se cobriam de carmim", "bonissimas e ridículas criaturas", no depoimento de Gustavo Barroso ("Coração de Menino", idem, pág. 142). O pai — informa-nos ainda o mesmo escritor — teve uma bodega com o letreiro "Ao Mississipi", no tempo da Guerra de Secessão; por isso passou a ser conhecido por Mississipi, transferindo-se o apelido para os demais membros da família. Acabaram adotando-o oficialmente. As Mississipis tinham um irmão, Manuel Francisco Nascimento, Conferente da Alfândega do Pará, que vez por outra aqui aparecia. A bodega deve ter rendido seus lucros razoáveis, pois possuíam, além dêsse sobradinho, n. 11 da Rua Major Facundo, três casas vizinhas, de taipa, frente ao Passeio Público, sendo que a que tem atualmente o n. 181, da Rua Dr. João Moreira, foi vendida a Amarílio Normando, dono do Café do Passeio, que a reformou. As duas seguintes passaram à propriedade de Ricardo Liebmann, casado com D. Isa Reis Liebmann, prima legítima de Gustavo Barroso, filha que é de uma irmã de Felino Barroso. Ricardo Liebmann derribou-as e em seu lugar, em 1923, ergueu a casa de n. 171, da Rua Dr. João Moreira, aí demorando a família até 1957. Seu filho Waldir, hoje agrônomo e funcionário do Banco do Brasil, foi meu contemporâneo do Liceu do Ceará, velha amizade que preciosamente conservo.

Depois das Mississipis, neste sobradinho se estabeleceu o comerciante José Castelar Pinheiro, cujo automóvel parece ter sido o único dessa marca — Gray — vinda para o Ceará.

Nêle, depois, residiram Lauro Vale (outro que não o da Prefeitura), recém-vindo do Amazonas, e uma sua irmã.

Lembramo-nos bem do inquilino que se seguiu — o prêto João do Palace, garção do bar do hotel em frente, ao tempo em que era possível manter bancas e cadeiras nas calçadas, visto como o diminuto trânsito não impedia essas boas e saudosas comodidades. João-zinho — como era mais conhecido da rapaziada — residia no sobradinho e sublocava os baixos a diversas pessoas de sua categoria social, como garções, empregados humildes do comércio, alfaiates, etc.

Não há muito, ali estêve Raimundo Elísio da Frota, estabelecido com o negócio de seguros.

Vale a pena pedir a atenção para o estilo dêsse sobradinho, um dos poucos que existem em Fortaleza, como o que se situa na esquina sudoeste do cruzamento das Ruas Major Facundo e Liberato Barroso.

N. 25 — Hoje abriga a casa Alcântara e Freitas. Prédio construído já depois de bem iniciado o presente século, pois antes o que no local existia era um muro alto, encimado por telhas protetoras.

Ns. 31-33 — Sobrado de três portas, onde se instalam as sociedades Comerciais Representação e Publicidade Ltda. (n. 31 — térreo) e Organização Imobiliária Paulista Ltda. (n. 33 — altos). Prédio já

dêste século, pois em seu lugar existia, por volta de 1908, um muro alto encimado de telhas.

Ns. 35-37 — Sobrado de três portas, onde se abrigam sindicatos (n. 35 — altos) e o escritório de Benjamim Tôrres (n. 37 — térreo).

No início do século, mais ou menos neste local existia uma casinha meia-água (um só declive de telhado, para trás), provàvelmente de taipa, de duas portas.

Depois, posta abaixo esta casinha, construiu-se mais ou menos no local um prédio térreo de três portas, uma das quais abrigava a oficina de alfaiate de Manuel Inácio Coelho, pai de Estanislau Coelho, ex-empregado da Casa Mesiano (joalheria) e hoje funcionário dos Correios, no Rio. Nas outras duas portas alojava-se o escritório do despachante José Grangeiro, da Alfândega, que residia na Rua Dr. João Moreira, em frente ao Passeio Público.

N. 43 — Casa térrea de três portas, onde hoje está o depósito de bebidas da casa comercial de Benjamim Tôrres.

Nesta casa morava Manuel de Paula, pai de Raimundo e Maria José (funcionários do Banco Frota Gentil, hoje Banco Cearense do Comércio e Indústria), José Maria (conhecido por Zumbi, no jôgo de futebol), etc. Aí morreu outro filho de Manuel de Paula, o Chiquinho, empregado do escritório do despachante Grangeiro, estabelecido na casa vizinha, como vimos.

Posteriormente, aí residiu Filemon da Gama Lira, pai de Stélio, funcionário graduado da Seção de Máquinas do Fomento Agrícola Federal.

Finalmente, lembramo-nos de aí ter morado o Dr. Adauto Fernandes, que foi Delegado de Polícia na terceira década do século, pai do meu contemporâneo no Liceu, hoje Auditor da 7ª Região Militar, Dr. Yaco Fernandes, belo talento que daqui emigrou, primeiramente para a Capital do País, vindo depois para Pernambuco.

N. 51 — Casa térrea de três portas, onde se acha o escritório de corretagem (câmbio e títulos) de José Carlos Sabóia.

Aí residiam Galdino Ribeiro com sua espôsa, D. Carlota, e os filhos Gumercindo (antigo empregado da Casa Mesiano), Carlos (depois agrônomo da Secretaria de Agricultura do Estado), Libânia (que desposou o bacharel José Dutra de Melo Nunes, escrivão da Procuradoria Fiscal do Estado) e Antoinette (hoje viúva de Antônio Tavares).

Com a morte de D. Carlota, a família daí se mudou, ocupando a casa o funcionário do Banco Frota Gentil, Perales Aires.

Ns. — 53-55-61-65 — Sobrado construído em 1924, de seis portas. A primeira delas (n. 53) dá para a metade dos altos, onde hoje está um dos depósitos do Armazém Esplanada, com seção de vendas em grosso nos baixos.

Aí tinha antigamente sede um clube de operários, que realizava festas dançantes, especialmente na quadra carnavalesca. As quatro

portas seguintes (ns. 56-61), correspondentes aos baixos, abrigam o Armazém Esplanada, de Abrão Otoch & Cia., comerciantes de fazendas. A última porta (n. 65), dá entrada para a outra metade dos altos, onde se instala atualmente o Centro dos Inquilinos. Nessa dependência do prédio germinou, por assim dizer, o atual Clube Líbano, hoje com majestosa sede na Praia do Meireles, depois de passar por dois casarões da Avenida Santos Dumont. É que funcionava aí uma sociedade denominada União Síria, com reuniões semanais à noite, quando a garotada das imediações, inclusive o referido Waldir Liebmann e alguns filhos de sírios e libaneses, que já começavam a se integrar na sociedade conterrânea, fechava o registro de luz, ao pé da escada, para observar, à distância, a confusão conseqüente de sua traquinagem.

No local dêsse sobradão existia uma casa térrea, também de seis portas, que ostentava três "jacarés" e era a mais vistosa construção do lado oriental do quarteirão.

S/n — Fronteiro aos ns. 68, 70 e 78. Hoje, como anteriormente, fundos do prédio em que se acha a Companhia Brasileira de Linhas de Coser, instalada em majestoso sobrado da Rua Floriano Peixoto. Ao velho muro, depois reformado, acrescentaram largo portão, para entrada de carros.

N. 85 — Sobrado de quatro portas, rasgadas para facilitar o movimento comercial. Hoje abriga o escritório (altos) e a loja de jipes, geladeiras, etc. (baixos) da firma J. Macedo & Cia. Anteriormente, neste local existia apenas um muro, correspondente aos fundos das casas do Desembargador Paulino Nogueira, hoje pertencente a D. Maria José, filha do segundo matrimônio do ilustre historiador conterrâneo.

N. 87 — Sobrado de quatro portas, onde se acha instalada a firma Carvalho Frota & Cia., sendo destinados os altos para o escritório e os baixos para a exposição dos produtos.

Foi, anteriormente, escritório de representação do português Júlio Ventura (moinhos de farinha de trigo e produtos Westinghouse), quando deixou de ser viajante da fábrica de chapéus Prada.

N. 101 — Edifício Ventura, com oito pavimentos, construído por Júlio Ventura e vendido, pouco depois, a Carlos Jereissati. Frente principal para a Rua Castro e Silva, nêle há três portas para a Rua Major Facundo. No térreo, estêve até há pouco tempo a Cooperativa de Crédito de Fortaleza, cujo gerente é o Sr. José Afonso Sancho, hoje em prédio da Rua Floriano Peixoto. Em 1845, no local do Edifício Ventura, existia uma casa habitada, na informação de "Outro Aramac", por um Dr. Pompeu, por nós não identificado. Seria o futuro Senador, então Diretor do Liceu, instalado no sobradão que existia no local do prédio do "Palace Hotel", como vimos?

A casa antiga que foi ocupada por êsse Dr. Pompeu passou depois

à propriedade de Frederico Dias da Rocha, tio paterno do naturalista Francisco Dias da Rocha, nosso consócio do Instituto do Ceará, e pai de D. Maria de Jesus da Rocha Girão, espôsa do eminente civilista conterrâneo Dr. Eduardo Henrique Girão, meu antigo professor na Faculdade de Direito do Ceará.

D. Maria de Jesus lembra-se de quando seu pai adquiriu essa casa, há uns sessenta anos passados, para instalar seu estabelecimento comercial de secos e molhados, vindo do prédio da esquina nordeste da mesma rua com a Senador Alencar, onde se acha a loja "A Capital".

A casa adquirida no fim do século passado por Frederico Dias da Rocha, objeto de nossas cogitações no momento, tinha um pequeno nicho com a imagem de Santo Antônio, manifestação patente da influência portuguêsa sôbre a nossa gente, como foi exemplo o nicho da antiga Padaria Palmeira, ali na esquina noroeste das Ruas Senador Pompeu e Guilherme Rocha, ao lado do qual se lia, se não me falha a memória, a seguinte oitava:

Santo Antônio de Lisboa,
que em Lisboa fôstes nado,
em Pádua visitado,
em Roma coroado,
eu vos peço uma graça,
pelo hábito que vestistes,
pelo cordão que cingistes,
pelo poder que adquiristes.

Implicávamos muito com êsse **nado** da oitava transcrita, sòmente com êle nos conformando após a explicação do professor de Português...

Aliás, o dono da Padaria Palmeira gostava de exibir versos em sua prosaica casa comercial. Em letras garrafais — lembro-me bem, apesar de passados tantos anos — assim fazia êle propaganda de um de seus produtos:

A cútis fresca e louçã,
quem quer que possui-la queira,
é tomar tôda manhã
o puro Café Palmeira.

Êsse prédio da Rua Major Facundo, esquina com a Rua Castro e Silva, fechado o negócio de Frederico Dias da Rocha, foi ocupado pelo armazém de John Peter Bernard, sogro do numismata Alcides Peter Santos, e, depois, pelo escritório comercial de um irmão do médico José Paracampos. Sòmente há poucos anos alugou-o Júlio

Ventura, que terminou por adquiri-lo dos herdeiros de Frederico Dias da Rocha, há cêrca de um decênio, mais ou menos. Em seu lugar, seu novo proprietário construiu o Edifício Ventura, como vimos.

Aqui termina êsse primeiro quarteirão da Rua Major Facundo, lado do sol.

**2º. Quarteirão (entre as Ruas Castro e Silva e Senador Alencar) — Lado da sombra.**

Sôbre a situação dêsse trecho em 1845, "Outro Aramac" nos dá a seguinte notícia: "Começava na casa de sótão, onde tinha agência de vapôres Henrique Ellery, hoje Banco de Pernambuco; havia poucas casas; no centro estava um sobrado em obras, hoje (1903) cartório; e terminava em frentes. Aí residia Inácio Ferreira Gomes, e estava a botica de Antônio Elloy de Costa."

Percorramos êsse trecho da Rua Major Facundo, em sentido contrário (norte-sul).

N. 126 — As frentes a que se refere o cronista, correspondem, em parte, ao atual prédio térreo de cinco portas para a Rua Major Facundo, três destas bastante largas, e várias para a Rua Castro e Silva, onde se acha instalada a firma J. Thomé de Sabóia & Cia., especialista em motores, elevadores, peças de automóveis, etc.

No decorrer da segunda metade do século passado, nesse prédio estêve "O Barateiro", casa pertencente ao futuro Barão Smith de Vasconcelos, segundo informação que dêle nos deu o Dr. Antônio Teodorico da Costa ("Curioso aspecto do comércio de Fortaleza, de 1860 a 1880", entrevista concedida a "O Nordeste", edição de 29 de junho de 1934).

Nos fins do século dezenove e inícios do corrente, ali se achava montado o Hotel Internacional, do italiano Barroccio, que compreendia também o prédio vizinho, n. 136 atual. Foi para um dos quartos dêsse hotel que o então menino Gustavo Barroso, em noite escura, tangeu um jumento que se achava pastando nas imediações, episódio relatado pelo grande escritor conterrâneo em conferência proferida há dois anos na Casa de Juvenal Galeno, objetivando demonstrar a ligação do passado com o futuro. É que o hóspede ocasional dêsse quarto do Hotel Internacional viria a ser, com o correr dos anos, um dos maiores amigos de Gustavo Barroso na Capital Federal e sòmente muito tempo depois, por mero acaso, viriam a descobrir os papéis por ambos desempenhados no hilariante episódio.

Fechado o hotel, instalou-se nesse prédio o escritório do judeu francês Boris, residente na casa da esquina da Rua Barão do Rio Branco a êle correspondente.

Depois, lá estêve a Fábrica Iracema de Cigarros, de Filomeno Gomes. Mais recentemente, nesse prédio abrigou-se a Garage Elite,

vendedora de automóveis e peças, pertencente a João Tomé de Sabóia. Êste mesmo ali instalou-se, a seguir, com sua casa de venda de motores, peças de automóveis, elevadores, etc., como vimos.

N. 136 — Prédio térreo, antigamente de duas portas, hoje rasgadas por conveniência comercial, que integrava o do Hotel Internacional, atrás referido.

Hoje nêle se acha a Casa Jutaí, vendedora de peças de automóveis, motores, etc.

N. 142 — Casa térrea, antigamente de duas portas, hoje rasgadas para facilidade do movimento comercial. Até há pouco tempo nela se achava a casa comercial de J. Felinto, pai do Dr. David Felinto Cavalcante, professor da Escola de Agronomia, especializada em material agrícola.

Nesse prédio e no vizinho (n. 148), que formavam um só, tinha sede o jornal "A República", de grande influência política no seu tempo.

N. 148 — Hoje separado do vizinho, êsse prédio térreo de duas portas abriga a casa de tecidos em grosso de H. S. Braga.

Ns. 154-156 — Sobrado de três pavimentos e três portas, com frente adornada de frisos de azulejos, infelizmente maltratados, e frontispício ostentando dois jarrões e bela estatueta hoje desaparecida.

No pavimento térreo (n. 154) está a Fábrica de Guarda-Chuvas, de Antônio Correia Neto.

Os dois pavimentos superiores (n. 156), que há muitos anos vêm sendo ocupados por mulheres marginais, abrigaram por muito tempo o então Tribunal da Relação do Ceará. A instalação solene do Tribunal ocorreu no Paço da Assembléia Provincial, funcionando desde 4 de julho de 1871 em seu novo e majestoso prédio da então praça Carolina, depois José de Alencar e hoje Capistrano de Abreu, muito prejudicada em sua extensão com os edifícios que nela foram criminosamente construídos (Palácio do Comércio, Banco do Brasil e Correios e Telégrafos). Há alguns anos, portanto, que a Assembléia viera da "Salinha", situada na esquina noroeste da travessa do Mercado, hoje Crato, com a Praça Caio Prado (da Sé), quando o Tribunal nela se instalou solenemente. Mas êste passou a funcionar no prédio que tinha o n. 28 (antigo) da Rua Senador Pompeu, passando-se para o sobrado do Dr. José Lourenço, n. 28 (antigo) da Rua da Palma, atual ns. 154-156 da Rua Major Facundo, desde o dia 17 de abril de 1875, onde ficou até a mudança para o edifício da Rua Barão do Rio Branco, lado da sombra, entre as Ruas Liberato Barroso e Pedro Pereira.

Pela terceira década do presente século nêle estêve, por pouco tempo embora, a Prefeitura Municipal.

O brilhante intelectual conterrâneo Herman Lima, bisneto do

Dr. José Lourenço, nos fala dêsse prédio com evidente carinho na primorosa crônica sôbre "Velhos Sobrados Adormecidos", publicada em "O Povo", de Fortaleza, a 29 de novembro de 1947. É do aludido trabalho que recolho agora o seguinte trecho, instantâneo fiel da vida da deliciosa aldeia que era a Fortaleza do meado do século passado: "Lembro outros (...) como o famoso sobrado da Relação, da Rua Major Facundo, em Fortaleza, construído por meu bisavô, o primeiro Doutor José Lourenço e cuja imponente fachada, coberta de azulejos amarelos, de alto a baixo, impressionava sempre os meus reparos de menino, a evocação dos grandes dias do passado, quando a capital era um simples ajuntamento de casinhas de telha e ruas de areia branca. Tôda vez que o via, recordava as histórias que minha tia Amélia contava com tanto gôsto, principalmente a de certas novenas de maio a que ela e as irmãs haviam comparecido, cada um dos trinta e um dias com um vestido de sêda novo, o que era para mim qualquer coisa dum requinte de côrte de Versalhes."

Hugo Vítor, em crônica sôbre "Velhos sobrados de Fortaleza", também em "O Povo", edição de 14 de janeiro de 1948, assim se refere a êsse casarão: "Era o prédio mais alto de Fortaleza, e ainda hoje é imponente, com a sua fachada em ornamentos de azulejos e ricas estatuetas."

É êle igualmente histórico em vista de certos episódios que envolveram seu proprietário na administração do brigadeiro José Joaquim Coelho, depois Barão da Vitória, que presidiu a Província de 1841 a 1843. O major João Facundo de Castro Menezes, residente na esquina noroeste da mesma rua com a São Paulo, era então Vice-Presidente da Província e pertencia ao partido da oposição, cognominado "chimango", juntamente com seu parente, o Dr. José Lourenço, redator do "Vinte e Três de Julho". Êste foi, por isso, dispensado das funções de Médico da Pobreza da Província, cargo que exercia em conseqüência de dispositivo legal, depois revogado.

Quando, nesse ambiente de paixões partidárias, se discutia na Assembléia Provincial questão reputada de importância política, foram três elementos do partido dominante, "que haviam algum tempo antes bebido água, acometidos de vômitos, sofrendo ao mesmo tempo violentas dores na região epigástrica, efeitos que também sentiu um empregado da Secretaria da Assembléia, que tomara porção da mesma água, que se havia servido em copos. No dia seguinte, êste e dois dos Deputados, o Dr. Manuel Teófilo Gaspar de Oliveira e o Advogado Antônio da Rocha Lima deram-se por prontos e compareceram à Assembléia; o 3º, porém, que foi o Coronel Agostinho José Tomás de Aquino, que menos lançou que os outros, tem estado sempre enfêrmo, e ainda hoje (26 de janeiro de 1842), bem longe de se achar restabelecido, vai consideràvelmente definhando a ponto de haver quem duvide que possa êle voltar ao prístino estado de saúde e robustez."

Isto foi assim relatado ao futuro Marquês de Sapucaí, então Ministro do Império, pelo Presidente José Joaquim Coelho. E nesse mesmo documento é acrescentado que o povo "assoalhou ser veneno a causa da moléstia repentina dos três deputados e do Escriturário da Assembléia, e que êsse veneno havia sido propinado pelo cirurgião (depois médico diplomado pela Academia do Rio) José Lourenço de Castro e Silva, membro da mesma Assembléia, a fim de inutilizar seus companheiros", etc. Êsse documento foi divulgado pelo Desembargador Paulino Nogueira na "Revista do Instituto do Ceará", ano de 1905, págs. 242 a 244, acrescentando a informação de que o deputado Agostinho veio de fato a falecer no Icó, onde residia e para onde se transportara. Paulino Nogueira, no aludido trabalho sôbre a administração de José Joaquim Coelho, diz não acreditar em envenenamento proposital. Mas o fato relatado se deu a 27 de setembro de 1841, e a 8 de dezembro, antes mesmo da morte de Agostinho, ocorrida no início do ano seguinte, o major João Facundo foi assassinado. A essa morte sempre se atribuiu o caráter de represália. Trataremos novamente do caso quando falarmos do local em que êsse fato aconteceu.

Ns. 160-170 — Hoje um só prédio, de dois pavimentos, com uma porta central e duas largas entradas laterais. A parte norte do prédio (n. 160) acha-se desocupada depois de ter abrigado o Armazém Humaitá, de José Meireles, comerciante de tecidos em grosso, atualmente estabelecido na Praça General Tibúrcio. Na parte sul (n. 170) está a firma "Nordeste, Representações Comércio, Ltda.", de Carlos Jereissati, proprietário de todo o imóvel. A porta central, sem numeração, serve de entrada para uma pensão de mulheres marginais.

No local do n. 160 levantava-se um sobradinho de três portas, onde morava o Pe. José Salazar da Cunha, sobradinho êsse que apresentava a peculiaridade de possuir uma área no pavimento superior, a qual terminava por uma grade de madeira no limite da rua, de tal forma que sòmente duas janelas nêle existiam avarandadas — precisamente a central e a do lado norte. O n. 170 corresponde ao sobrado de três portas e beira-e-bica, onde ficava o Cartório de Felino Barroso (baixos) e morava sua família (altos). Trata-se do prédio que, segundo "Outro Aramac", se achava em obras por volta de 1845. Tinha, primitivamente, o n. 32, depois o n. 70, na informação de Gustavo Barroso ("Coração de Menino", idem, pág. 18), que divulgou, ainda, um desenho do frontispício do velho sobrado, reprodução de antiga fotografia.

Antes de ser cartório e residência da família de Felino Barroso, nesse prédio morou o velho Pacheco, português rico, acostumado a uma vida de fausto, a ponto de fardar, à sua custa, o 1º Batalhão da Guarda Nacional, e que se suicidou em Paris, ao saber da falência de sua casa comercial.

Ns. 172-176 — Sobrado de três portas, atualmente rasgadas por conveniência comercial, pertencentes hoje a João Ribeiro do Rêgo Barros, chefe da Emprêsa de Terrenos Ltda., nêle instalada.

Foi, ao tempo da meninice de Gustavo Barroso, residência do negociante Mr. Keen. Segundo o mesmo memorialista, abrigou por pouco tempo embora, a Fênix Caixeiral, antes de instalar-se em sua sede própria na Praça hoje denominada José de Alencar.

Sabemos, ainda, que nesse sobrado se instalou a Fábrica de Bebidas de Homero Barbosa Lima, depois transferida para Tobias Sidrião Ferreira, representante, igualmente, de firmas de outras terras que exploravam êsse ramo de comércio. Tempos depois a Emprêsa de Terrenos Ltda. adquiriu o imóvel, até então pertencente ao velho José Cândido Freire, genitor de José Cândido Freire Filho, cunhado do jornalista e cartorário Silveira Marinho.

N. 182 — Nesse prédio térreo, que antigamente possuía três portas, hoje rasgadas para facilidade do movimento comercial, instala-se a Importadora do Nordeste S. A., especializada em rádios, motonetas, etc., cujo principal acionista é o comerciante Audísio Pinheiro.

Antes, era sede de uma emprêsa de ônibus e caminhões, a Agência Guaramiranga. Mais remotamente nêle estêve a fundição de Baltazar Barreira, hoje em outro local da cidade, não esquecendo seu proprietário de, nas horas vagas, combater o fumo, o álcool, o jôgo e os entorpecentes, através da sociedade que idealizou — a BACOVI, isto é, Barreira contra o Vício.

No fim do século passado ou princípio do corrente serviu de residência para muitas famílias, entre as quais a de Joaquim Magalhães, pai do eminente político cearense que se radicou na Bahia, General Juraci Magalhães.

N. 190 — Nesse prédio térreo de três portas, a central bastante enlarguecida, hoje está a agência local do Banco de Crédito da Amazônia.

Nêle se abrigou a casa comercial de Possidônio Pôrto. Foi ainda sede de "A Pernambucana", loja de tecidos pertencente a Lundgren & Cia. Ocupou-o, depois, Francisco Salgado, agente comercial e representante da companhia de seguros "A Equitativa". Francisco Salgado reformou-o, alargando a porta do meio, e o alugou a Álvaro Dias & Cia., comerciantes de tecidos.

A depressão do terreno, por onde corria o riacho formado pelas baixadas da Lagoinha e Campo da Amélia ("Geografia Estética de Fortaleza", Raimundo Girão, Imprensa Universitária do Ceará, 1959, pág. 45), depois nivelado para o serviço de pavimentação da rua, determinou o aparecimento das chamadas "calçadas altas" dêsse trecho da cidade, calçadas essas que começavam precisamente em frente a êsse prédio, tomando o rumo sul.

N. 196 — Sobrado de três portas, onde se acha o depósito da loja de ferragens de J. Torquato & Cia.

Era uma casa baixa, onde passou a residir, vinda do Rio, D. Isabel Alexandrina Barroso dos Reis, avó materna de meu contemporâneo do Liceu do Ceará e primo-segundo de Gustavo Barroso, o agrônomo Waldir Liebmann, aqui já referido. D. Isabel Alexandrina Barroso dos Reis viera do Rio, viúva de Francisco Pereira dos Reis, com uma filha lá nascida (Isa), mãe de Waldir Liebmann, e que aqui passou a residir, casada que foi com Ricardo Liebmann; e grávida de outra (Alice), que se consorciaria com o Major Pedro Ribeiro Santos, cujas filhas, por sua vez, se casariam, uma (Branca) com o Major Roberto Carneiro de Mendonça, outra (Beatriz) com o Cel. Jurandir Bizarria Mamede, outra (Isa) com o médico e educador Luís de Melo Campos, diretor de um colégio em Copacabana, e uma quarta (Clotilde) com o engenheiro Alfredo Pessoa Cavalcante, além de dois filhos varões — Pedro, que faleceu solteiro, e Francisco, funcionário do Ministério da Fazenda.

Essa casa baixa foi assobradada por José Gomes Barbosa e nela o escritor Papi Júnior instalou sua loja de fazendas (térreo), enquanto os altos abrigavam a Loja Maçônica Capitular Liberdade, referida por Gustavo Barroso. Passemos a palavra ao grande escritor: — "À noite, em companhia do caboclo Tomás, deslizando como sombras pelas cumieiras dos sobrados, vou apreciar por uma fresta envidraçada do (sobrado) do José Gomes Barbosa, em cujo andar térreo fica o armazém de fazendas do Papi Júnior, os trabalhos secretos da Loja Capitular Liberdade, então ali instalada à espera que se termine a construção de seu prédio próprio na Rua Tristão Gonçalves." ("Coração de Menino", idem, pág. 177). Êsse José Gomes Barbosa seria descendente de Inácio Ferreira Gomes, morador dêsse quarteirão na primeira metade do século passado, segundo "Outro Aramac"?

Fracassado na atividade comercial, o notável autor de "O Simas" foi sucedido nesse prédio por Adolfo Quixadá & Cia., com escritório de representações. A sede da Loja Capitular Liberdade foi ocupada, por sua vez, pela família de J. Torquato. Parece que êste veio a adquirir o imóvel, pois, como vimos acima, tôdas as dependências do prédio hoje servem de depósito para a casa comercial de que J. Torquato é sócio principal.

N. 204 — Casa térrea de três portas onde se acha atualmente a casa de tecidos em grosso de J. Bezerra & Cia.

Casas baixas existiam nesse local. Reformadas, instalou-se no novo prédio a agência de "A Equitativa", antes de passar para a casa próxima, n. 190 atual, como vimos.

Ainda nesse imóvel abrigaram-se Kalil Otoch e Filhos, comerciantes de fazendas; a firma Godofredo Rangel & Cia., especialista

em ferragens e miudezas; e Walter Sá, com sua casa de material elétrico.

N. 210 — Casa térrea de três portas, hoje rasgadas por conveniência comercial, sede atual de J. Montenegro S. A. — Comércio e Indústria, sucessores de J. Goosens & Cia., antigo escritório de representações.

Alguns afirmam que aqui estêve instalada a "Casa Louvre", loja de tecidos do Barão de Camocim, a mais luxuosa da Fortaleza de antanho, sôbre a qual não poucos cronistas da cidade nos legaram suas impressões.

Ns. 216-220 — Antigo sobradão do Barão de Ibiapaba, com quatro portas para a Rua Major Facundo e onze para a Rua Senador Alencar. Uma daquelas portas dá entrada para os altos (n. 216), há vários anos ocupados por uma pensão de mulheres marginais, depois de ter servido à Pensão Nóbrega, esta familiar. As demais portas da Rua Major Facundo (n. 220) servem a dependência atualmente desocupada, depois de ter abrigado, por muito tempo, o Cartório Pergentino Maia, hoje no quarteirão seguinte da mesma rua, como veremos.

Em 1845, nos baixos dessa "casa de sótão", "tinha agência de vapôres Henrique Ellery", na informação de "Outro Aramac". Êste acrescenta que, à época em que escrevia suas memórias da cidade (1903), nêles estava o Banco de Pernambuco. Antes dessa casa de crédito, os baixos do sobradão abrigavam a casa exportadora e importadora do Barão de Ibiapaba, Joaquim da Cunha Freire, proprietário do imóvel, em cujos altos residiu por dilatados anos. É êste o último prédio do quarteirão, lado da sombra.

No que parece enganar-se "Outro Aramac" é quando diz que nesse quarteirão estava instalada a botica de Antônio Elloy da Costa. De acôrdo com os demais cronistas da cidade, esta botica sempre permaneceu no quarteirão seguinte da mesma rua, precisamente no prédio, já referido, em que se encontra hoje o Cartório Pergentino Maia.

**2º Quarteirão (entre as Ruas Castro e Silva e Senador Alencar) — Lado do sol.**

A respeito do estado em que se achava êsse quarteirão no ano de 1845, "Outro Aramac" nos informa: — "Começando na casa de esquina, fundos da casa do capitão Antônio Nunes, e defronte do banco atual de Pernambuco, e terminava quase sem mais edificação na travessa das Flôres."

Sigamos caminho inverso, isto é, partamos da Rua Castro e Silva (antiga das Flôres) em direção à rua Senador Alencar (antiga das Hortas).

Ns. 125-131 — Nas circunvizinhanças e localização do atual

Edifício Oriente, prédio de sete pavimentos sito na esquina sudeste das ruas Castro e Silva com Major Facundo, ainda não havia muitas edificações no decorrer do segundo quartel do século dezenove. Tempos após, no local, foi levantado o prédio térreo de muitas portas (cêrca de seis) para a Rua Major Facundo, onde se instalou primitivamente o Hotel de France, também chamado Dragaud, sobrenome de um de seus proprietários, depois mudado para o prédio do atual Palace Hotel, conforme vimos quando focalizamos o imóvel em que êste se acha instalado.

Aí estêve montado, na terceira década do atual século, o armarinho de miudezas de Faris Abdala, nêle instalando-se, depois, um salão de bilhares. Após, e durante muitos anos, nessa esquina da Rua Castro e Silva com a Rua Major Facundo funcionou uma secção da agência de Álvaro de Castro Correia, inclusive o depósito da Livraria Globo, de Pôrto Alegre, de que aquela é representante.

Pôsto abaixo êsse prédio antigo, foi construído no local o Edifício Oriente, primeiramente com quatro pavimentos, hoje com sete, acréscimo ocorrido no corrente ano.

Na esquina e nos baixos do referido edifício, funciona uma sorveteria (nº 125) e se instala o I.B.M. World Trade Corp., especialista em relógios-ponto (nº 131). Nos altos, cuja entrada é pela Rúa Castro e Silva, existem diversas salas para escritório.

Nº 137 — Prédio térreo de três portas, hoje rasgadas para facilidade do movimento comercial. Atualmente vago, está sendo preparado para nêle se instalar mais uma cooperativa, das muitas existentes na cidade.

Foi, até pouco tempo, a sede da casa comercial de Pontes Nogueira e Cia. Mais remotamente, aí se abrigava a casa de fumo de Enéas Vieira, pai do médico Artur Enéas, e seus sobrinhos, Cecílio e Antônio Vieira.

No século passado era terreno baldio, como grande parte dêsse quarteirão, na informação de "Outro Aramac", atrás transcrita, e de Gustavo Barroso, a nós particularmente dada. Na realidade, eram os "fundos" das casas da rua da Boa Vista (Floriano Peixoto), lado ocidental. É que, havendo terreno de sobra na então acanhada cidadezinha de Fortaleza, seus proprietários podiam se dar ao luxo de desperdiçá-los, especialmente na parte em que eram menos valorizados — o chamado "lado do sol" das ruas. Fenômeno igual, aliás, ainda se observa em muitas cidades do nosso interior, onde os quarteirões terminam com "fundos" de casas, cujas frentes dão para ruas mais valorizadas. Acrescente-se que outro fator particular, aqui já esboçado, concorria para a inexistência de prédios nos terrenos centrais dêsse quarteirão. É que, por essa quadra, passava o riacho, afluente esquerdo do Pajeú, formado pelas baixadas da

Lagoínha e do Campo da Amélia (Praça da Estação Central da R. V. C.).

Nºs 143-147 — Sobrado de três portas, atualmente duas delas transformadas em uma por conveniência comercial (nº 143), enquanto a outra serve de entrada para os altos (nº 147).

Terreno baldio, nêle se levantou, já neste século, o prédio ainda hoje existente, embora reformado. Era o armazém de Luís Gomes, pai do General Onofre Muniz Gomes de Lima, ex-Comandante da 10ª Região Militar e Senador Federal pelo Ceará.

Atualmente, abriga a firma Rabay e Cia., importadora de bordados.

Nºs. 149-153-157-161 — Edifício Salim, com 3 pavimentos. Antes da construção dêsse prédio, o terreno em que se acha estava assim dividido:— ao norte (nºs. 149-153 atuais), os "fundos" da casa do Dr. Rufino de Alencar, na Rua Floriano Peixoto; e na parte sul (nºs 157-161 atuais), duas casas de duas portas, alugadas a diversas famílias e, com a comercialização da zona, a várias firmas, entre as quais a crediária de tecidos de Baltazar Barreira, que, como vimos, ocupou também o prédio nº 182 da mesma rua, explorando outro gênero de comércio.

Atualmente, nos baixos do Edifício Salim, podemos anotar o armazém de tecidos "Ouvidor" (nº 149), a entrada para os altos (nº 153), o armazém de tecidos de Amim Ary e Cia. (nº 157) e o armazém de tecidos dos Irmãos Ary (nº 161).

Nº 173 — Sobrado de três portas, duas delas hoje transformadas em uma, por exigência do movimento comercial, enquanto a outra serve de entrada para os altos. Pertencia, no começo do século, ao velho Simões, negociante de fazendas.

Atualmente, nos altos, está o Armazém Olinda, de Elias Romcy, comerciante de miudezas. Os baixos acham-se desocupados, tendo nêles permanecido, por muitos anos, o Banco Mercantil do Ceará, antes Banco Central do Nordeste, com sede própria à Rua Floriano Peixoto, cujo gerente é meu colega de folguedos infantis no interior do Estado, Jaime Nogueira.

Com a saída do velho Simões, que, como foi dito, o ocupava no começo do século, nêle estêve o escritório de representações de Oscar Hulland, cônsul da Alemanha durante muitos anos em nosso Estado. Hoje é propriedade da viúva de Adriano Martins.

Nº 179 — Casa térrea de três portas, que, atualmente, serve de depósito de tecidos de alguma casa comercial dêsse gênero.

Nessa casa morava, no início do século atual, o Dr. Marcondes Pereira, autor de preciosa Aritmética, por dilatados anos adotada nos principais estabelecimentos secundários do Ceará.

Serviu, após, de sede para um dos armazéns de J. Bruno, Filhos e Cia. A seguir, foi sede do armazém de Bezold.

Nº 189 — Casa térrea, de três portas, onde se acha hoje o armazém de Raimundo Alves e Cia. Foi, antes, depósito de "A Pernambucana", instalada no prédio nº 190, em frente, conforme vimos. Mais recuadamente, nela estêve Temístocles de Carvalho, sogro do jornalista Pais de Castro.

Essa casa de três portas compunha, no início do atual século, um só prédio de cinco portas, conjuntamente com a casa vizinha, nº 197. Ambas ainda hoje mostram os sinais de sua origem comum.

Nessa casa grande, depois bipartida, morava o major Viana, herói da Guerra do Paraguai.

Nº 197 — Casa térrea, de duas portas, onde se acha atualmente instalado o depósito da Casa Blanca, de J. Ary e Cia., comerciantes de tecidos. Após ter sido seccionada na casa vizinha (n. 189), aí se achava a alfaiataria de João Pedro Coelho, avô de Plácido Coelho, meu colega no Liceu do Ceará e gerente, hoje, do Banco dos Importadores. João Pedro, depois, mudou-se para outro prédio, aqui instalando-se a firma Vilar e Cia., explorando o comércio de fazendas.

Nº 203 — Casinha térrea de apenas um porta larga. É hoje escritório do comerciante e político Osiris Pontes, tendo servido, anteriormente, a um café, que funcionava durante tôda a noite.

Nº 207 — Casa térrea de duas portas, hoje rasgadas por conveniência do movimento comercial. Atualmente, nela se instalam os Irmãos Ribeiro e Cia. Ltda., comerciantes de tecidos. Esta casa e a vizinha (nº 211), anteriormente, compunham um só prédio, onde residiam as filhas do Dr. Clemente e netas de Antônio Francisco da Silva, antigo proprietário do imóvel que hoje serve de Palácio Arquiepiscopal. Antônio Francisco da Silva, homem muito rico, porém ainda mais ignorante, escrevia seu nome com um, dois ou três **tt**, conforme os documentos de exportação ou importação se referissem a mercadorias transportadas nos navios de sua propriedade que possuissem um, dois ou três mastros...

Nº 211 — Casa térrea de uma porta larga. Hoje abriga o pequeno armazém de tecidos de Raimundo Ribeiro, parente dos donos do armazém vizinho, instalado no prédio nº 207. Como foi dito acima, essas duas casas compunham uma só, e, antes da aludida divisão, serviu de sede segunda à Casa do Sirgueiro, alfaiataria civil e militar, cujo dono foi um dos sucessores das netas de Antônio Francisco da Silva.

Nº 223 — Prédio térreo de cinco portas, uma das quais bem larga. Sede da loja "A Capital", esquina nordeste das ruas Major Facundo e Senador Alencar.

"Fundos" da casa do capitão Antônio Nunes, residente na rua da Boa Vista, há cêrca de sessenta anos passados desta casa se transferiu para a esquina nordeste das Ruas Major Facundo e Castro e Silva o comerciante Frederico Dias da Rocha, conforme antes dissemos.

Seguidamente, aqui morava Joaquim Macaco. Êste se viu envolvido numa chantagem que armou, com o auxílio da própria mulher, contra o Barão de Ibiapaba, seu vizinho de frente, homem muito rico e com fama de usurário.

O prédio foi depois dividido em duas partes. Na primeira (lado norte) passou a morar a família Costa Sousa, enquanto a segunda (lado sul, esquina das ruas Major Facundo com Senador Alencar), passou a servir de sede à loja "A Ilha de Cuba", de Guilherme Moreira da Rocha, grande Prefeito que esta cidade teve; a "O Preço Fixo", loja de um filho do famoso cangaceiro Conduru, um tal Braga; e a "Casa Holanda", de F. Holanda.

Depois, foi o prédio reagrupado, para nêle se instalar "A Capital", conforme vimos atrás.

Aqui termina o segundo quarteirão da Rua Major Facundo, lado do sol, cujas casas são, na sua maioria, de construção recente, e, portanto, sem grande interêsse histórico.

**3º Quarteirão (entre as Ruas Senador Alencar e São Paulo) — Lado da sombra.**

Dêsse trecho da Rua Major Facundo, no recuado ano de 1845, "Outro Aramac" nos dá a seguinte notícia:— "Começava na casa em que foi assassinado João Facundo, esquina da rua da Assembléia, e onde tinha loja Joaquim José Barbosa Filho; terminava na casa de sótão, esquina hoje (1903) da Rua Senador Alencar. Neste quarteirão tinham residência José Joaquim da Silva Braga, José Smith de Vasconcelos (José Barateiro, depois Barão de Vasconcelos), João Saldanha e outros".

Percorramos êsse trecho em sentido contrário, isto é, do norte para o sul.

N. 242 — Ainda é a mesma casa de sótão (duas janelinhas para a Rua Senador Alencar) já existente por volta de 1845, na informação de "Outro Aramac", e formava um só prédio com a casa vizinha, atual nº 246. Assim, pela penúltima década do século dezenove, na secção correspondente ao nº 242 (duas portas) se instalava a loja de modas de Ricardo da Silveira. Nela estêve, depois, a Farmácia Francesa, atualmente na esquina noroeste das ruas Major Facundo e Cel. Guilherme Rocha (baixos do edifício do Excelsior-Hotel).

Hoje, êsse prédio abriga o Café "Art Nouveau", que não deve ser confundido com o homônimo que existiu na esquina sudoeste das ruas Major Facundo e Cel. Gulherme Rocha, afamado pelas rodas literárias que nêle floresceram.

N. 246 — Compunha, antigamente, um só prédio com o vizinho, como já foi esclarecido. Feita a referida separação, aqui estêve, nas últimas décadas do século passado, uma loja de modas de Luís Alba-

no, o "Paradis des Dames". Ao tempo em que, na secção que hoje tem o nº 242, se abrigava a Farmácia Francesa, neste prédio nº 246 passou a funcionar o consultório médico da aludida farmácia, costume vigorante entre nós até há pouco tempo.

Hoje, corresponde a três portas do prédio antigo, rasgadas por conveniência do movimento comercial, nêle se instalando a Casa Sancho, de José Afonso Sancho e seu irmão, Moisés Rodrigues Sancho, comerciantes de ferragens.

N. 252 — Êste e o vizinho, atual n. 256, compunham um só prédio quando do fim do século passado, no qual se abrigava a famosa loja de modas "Estrêla do Oriente", de João Garcia Areias. Partido em dois, na secção que toma atualmente o nº 252 estêve a loja de tecidos de Adolfo do Carmo Júnior, atualmente instalado na esquina nordeste da Rua Floriano Peixoto com a travessa Crato.

Continua casa térrea, com uma porta alargada, nela se instalando o Armazém Jangada, de Antônio Melo Rosa e Filhos, comerciantes de tecidos.

Nº 256 — Antigamente, parte integrante do prédio onde se achava a loja de João Garcia Areias, como foi dito. Feita a separação, esta secção sul do velho prédio passou a abrigar o armazém de tecidos de Ananias Cisne.

Continua casa térrea, com uma porta alargada, onde está o Armazém Natal, também de tecidos, pertencente a Vilar e Cia.

Nº 260 — Segundo nos informa Raimundo Girão, em sua "Geografia Estética de Fortaleza", (pág. 152), neste prédio e nos de nºs. 266 e 272, que compunham um só e recebiam o nº 50, se instalava, nos meados do século dezenove, a oficina de charqueada de Henry Ellery, aqui chegado do Recife e aqui constituindo família, casando-se com D. Ana de Castro Saldanha, filha de João José Saldanha Marinho e neta, pelo ramo materno, do Capitão-mor Antônio de Castro Viana, "proprietário das casas que, mediante sucessivas reformas, se transformaram no Palácio da Luz".

Se João José Saldanha Marinho é, como tudo indica, o mesmo João Saldanha, morador dêsse quarteirão pelos idos de 1845, como o informou "Outro Aramac", possìvelmente, por motivos óbvios, era aqui a sua residência, vez que nesta casa seu genro Henry Ellery instalou, anos depois, sua oficina de charqueada. João José era irmão do notável político e parlamentar Joaquim Saldanha Marinho que, no Ceará, demorou por doze anos, exercendo as funções de Promotor, Professor do Liceu e Deputado Provincial, tendo ainda ocupado os elevados cargos de Presidente das Províncias de Minas Gerais e S. Paulo, Deputado Geral pelo Ceará, Pernambuco e Amazonas, Constituinte de 1891 e Senador pelo Distrito Federal.

Posteriormente, êsse prédio foi tripartido, abrigando a parte mais setentrional (nº 260), entre 1860 e 1880, a Mercearia Larangeira,

e, ao tempo da gloriosa jornada da abolição, a tipografia do "Libertador". Depois, aí estêve a casa de ferragens de um sr. Lima, seguindo-se-lhe uma loja do mesmo gênero, pertencente a Antônio Pôrto — Casa Aporto.

Atualmente, embora conservando esta última designação, pertence à firma J. Torquato e Cia., exploradores do mesmo ramo de comércio.

Continua casa térrea de três portas, hoje rasgadas por conveniência comercial.

Nº 266 — Secção central do antigo prédio nº 50, já referido, onde ficava a oficina de charqueada de Henry Ellery. Na segunda metade da passada centúria, seccionado aquêle velho prédio, nesta sua parte se abrigou a joalheria de Alberto Roth, "suísso de nascimento e ótimo profissional", no depoimento do dr. Antônio Teodorico da Costa. No início do século atual, nela se instalava a loja "O Preço Fixo", de um sr. Braga, na informação que nos deu, pessoalmente, Gustavo Barroso. Seria descendente de José Joaquim da Silva Braga, ou êle próprio, já residente neste quarteirão, pelos idos de 1845, segundo "Outro Aramac"? Em caso afirmativo, provàvelmente era essa a casa de sua residência na primeira metade da passada centúria.

Nesta casa estêve, posteriormente, Murilo Memória Moreira, que mudou seu estabelecimento de ferragens para a Rua Visconde de Sabóia.

Continua prédio térreo, de três portas, rasgadas por conveniência comercial, e abriga a Casa Aguiar, de Firmino Rocha Aguiar, também comerciante de ferragens.

Nº 272 — Parte meridional do prédio onde era montada a oficina de charqueada de Henry Ellery. Com o seccionamento do velho prédio, nesta parte se abrigou, entre 1860 e 1880, a mercearia de João Evangelista, que, na informação do dr. Antônio Teodorico da Costa, morreu de uma queda de cavalo, maníaco que era pela equitação. Ainda neste prédio estêve o armazém de Menescal Campos, assim pela penúltima década do século dezenove. Nêle, no início do corrente século, instalava-se a Alfaiataria Bezerra. Depois, foi sede da Alfaiataria Medeiros, de Álvaro Medeiros, que, tempos após, logrou diplomar-se em Direito e foi pai do saudoso e bondoso clínico, prematuramente falecido, Dr. Periguari de Medeiros. Em 1928, essa casa passou por uma reforma, como o indica a data inscrita em seu frontispício. Mas continua prédio térreo, de uma porta alargada, onde se abriga o armazém da firma Tecidos Jucá, Ltda.

Nº 278 — Pela penúltima década do século passado, neste prédio se abrigava a casa comercial de José Gomes de Moura, então cônsul do Paraguai. Ao fim da referida centúria, nêle se instalava a casa de tecidos de Maximiniano Leite Barbosa.

Casa térrea de três portas, atualmente rasgadas por conveniência

comercial, neste prédio tem sede a firma de tecidos Gutemberg Teles e Cia. Ltda.

Nº 286 — No local do atual Edifício Lopes existia um velho sobrado de muitas portas no pavimento térreo (calculadamente 5 ou 6) e apenas duas ou três janelas no pavimento superior, construido, para sua residência, pelo primeiro Barão Smith de Vasconcelos, o José Barateiro, assim irreverentemente apelidado porque seu estabelecimento comercial se intitulava "O Barateiro". Indo residir na Europa, seu nobre proprietário o transferiu por venda ao avô paterno de Gustavo Barroso, ao preço de oito contos de réis, sendo quatro à vista. Na sêca de 1877, o avô de Gustavo Barroso mudou-se para o Recife, alugando-o a Joaquim Felício. Superada a crise climática, o velho Barroso, de volta, encontrou seu sobrado bastante danificado, pelo que o tomou ao desleixado inquilino e o alugou a Antônio Dias Pinheiro, que nêle instalou o restaurante e bar "O Palhabote", que aí funcionou por dilatados anos. Foi, posteriormente, sede do "Cassino Cearense", pertencente a Júlio Pinto, onde muita gente maior de 60 anos assistiu às primeiras exibições cinematográficas no Ceará. Vendido pela família de Gustavo Barroso a João Batista Lopes, ao preço de 180 contos, seu novo proprietário o demoliu e no local levantou, há cêrca de vinte e cinco anos, o Edifício Lopes, funcionando nos baixos a Casa J. Lopes, do gênero ferragens, e, nos quatro pavimentos superiores, escritórios, consultórios, etc.

Nºs. 302-306 — Antigamente, dois prédios térreos, cada um com três portas. O do lado norte abrigava, pelos fins do século passado, os bilhares de "O Palhabote" e, depois, uma loja de ferragens. O do lado sul, pela mesma época, servia de sede para uma agência comercial e, posteriormente, de residência da família de Antônio Amaral, pai do abolicionista Isac Amaral. Antônio Amaral era grande amigo do Presidente Caio Prado, chegando mesmo a pôr em seu filho o nome de Jacaúna Caio Prado do Amaral, rapaz boêmio que morreu "enfraquecido", como se dizia.

Êsses dois prédios acham-se agrupados num único sobrado construído no local, com duas portas largas e duas estreitas no pavimento térreo, sobrado êste que abriga a loja de ferragens de Conrado Cobral S. A.

Nº 312 — Neste local existia uma casa térrea de duas portas, onde, desde as primeiras décadas do século passado até há poucos anos, se instalou a Farmácia Teodorico. Dela, Gustavo Barroso nos dá notícia em seu "Coração de Menino" (Idem, págs. 138 e 139): "A Farmácia Teodorico é a casa comercial mais antiga da cidade. Contemporânea do Brasil-Reino. Fundada pelo pai do velho Teodorico, já está no neto daquele e irá ao bisneto. Pequena e numa casa baixa, tôda reformada. Prateleiras com uma fila de boiões de louça antiga. Sôbre o balcão, dois enormes frascos com água colorida de amarelo

e azul. Entre as portas que dão para a rua, um banco de pau prêto, em que a freguesia esperava o aviamento das receitas. Na parede, quadros com os diplomas dos farmacêuticos". O apreciado escritor fala, no seu comovente livro de memórias, como se estivesse ainda nos recuados anos que encerraram a passada centúria, muito embora antecipando fatos futuros. Realmente, fundada pelo velho Eloy da Costa, que recebeu do Físico-mor do Reino licença de boticário, passou pelas mãos de seu filho, Comendador Teodorico da Costa, diplomado em nome da Regência, e do seu neto, José Eloy da Costa, licenciado já no reinado de Pedro II. Aí não ficou, pois a velha botica chegou, como o disse Gustavo Barroso, às mãos do bisneto do seu fundador, Alberto Eloy da Costa, que recebeu o diploma de farmacêutico já na era republicana. Lamentàvelmente, porém, não chegou ao trisneto. Aposentando-se no afanoso mister, Alberto Eloy passou o tradicional estabelecimento a outrem, o farmacêutico Carlito Benevides, que, mantendo-o por algum tempo no mesmo local de antanho, transferiu-o, depois, para a esquina sudoeste das ruas Major Facundo e São Paulo, onde ainda se acha.

Atualmente, no local do antigo prédio, se ergue um pequeno edifício de três andares, adquirido por Carloto Pergentino Maia para sede de seu cartório, vindo dos baixos do sobrado do Barão de Ibiapaba, nºs. 216-220 da mesma rua, como já foi referido nestas crônicas.

Nº 318 — Casa térrea, de três portas, hoje reformada, onde residiam o Comendador Teodorico e, posteriormente, seu filho, José Eloy. Depois, foi sede do Instituto Térmico do Dr. Ribas Cadaval, acêrca de quem o contundente e nem sempre justo jornalista João Brígido divulgou a seguinte quadra, a nós transmitida pessoalmente por Gustavo Barroso:

Acocorado em tamancos
Faço uma tôrre em espiral
Onde vai tomar assento
O Dr. Ribas Cadaval.

Hoje, neste prédio está instalada a Casa Eliseu, especialista em ferragens.

Nºs. 322-326 — Sobradinho de quatro portas no pavimento térreo e duas no superior, ainda guardando o mesmo estilo primitivo. Era, pelo meado do século passado, residência do Cel. Joaquim José Barbosa Filho, sobrinho e genro do Major João Facundo de Castro Menezes, seu vizinho do lado sul, e avô materno do futuro Barão de Studart. Por êsse motivo, alguns cronistas, entre os quais Hugo Vítor Guimarães, afirmavam ter neste sobradinho nascido o grande historiógrafo cearense, nume tutelar do venerando Instituto do Ceará. Êsse prédio devia ter o nº 70, e o próprio Barão escreveu em vida

que nascera na casa nº 73 da mesma rua. Por essa época, porém, em frente a essas duas antigas residências, não havia construções condignas, existindo apenas "uma tapera de um pobre artista conhecido por BOLACHINHA, que já a havia deixado por imprestável" (Paulino Nogueira, estudo publicado na Revista do Instituto do Ceará, ano de 1905, pág. 273). Por isso, concluiram aquêles cronistas que o depoimento do Barão sofrêra êrro tipográfico, querendo o ilustre historiador referir-se ao sobrado que tinha o número 70 e era a residência do seu avô, Joaquim José Barbosa Filho, e não a um inexistente prédio em frente, pois, para êles, sòmente nesse local poderia haver casa que recebesse o número 73. Esqueceram-se, todavia, de que a numeração das nossas casas, até a reforma do prefeito Raimundo Girão, obedecia ao critério de número de prédios e não ao da metragem, pelo que, existindo terrenos sem construção em diversos trechos da cidade, era possível não confrontarem os números pares com os ímpares. E foi isto o que, precisamente, ocorreu: havendo menor quantidade de casas no lado do sol, o prédio número 73, da rua da Palma ficou sendo um do quarteirão imediato, atual número 371, onde se acha o Centro Elétrico. Nêle, residia outro parente do Barão, Joaquim da Fonseca Soares e Silva, casado com D. Teresa Leopoldina de Castro Barbosa, pais de João da Fonseca Barbosa, por sua vez casado com uma irmã do Barão, Leonísia Studart da Fonseca, êste outro sobrado, sem sombra de dúvidas, como veremos depois, ao analisarmos a sua história, mereceu a grande honra de ouvir os primeiros vagidos do benemérito cearense que se chamou Guilherme (depois Barão) de Studart.

Já pelo fim do século passado e princípio dêste, o sobradinho de residência de Joaquim José Barbosa Filho passou a abrigar a joalheria de Jacques Weil, que tomou a nobre iniciativa de oferecer a caneta com que foram firmados os documentos da abolição entre nós.

Mais ou menos a partir de 1905 até 1930, nos baixos dêsse sobradinho estêve instalada a loja de calçados de Simões e Pires. Eram sócios dessa firma os portuguêses Joaquim Manuel Simões, cônsul de sua pátria no Ceará, e Maurício Pires. Nos seus altos residia o gerente da loja, João Batista Madeira, também português. Joaquim Manuel Simões reformou o sobrado, guardando-lhe, entretanto, o primitivo estilo, dando assim preciosa lição a quantos se comprazem em destruir os poucos prédios de valor histórico que ainda possuímos. Dêsse lusitano, aqui aclimado, descende ilustre prole, casando-se uma sua filha com o caririense Vicente Roque de Menezes, de cujo consórcio são filhos o médico João Simões de Menezes e o agrônomo Rui Simões de Menezes, meu contemporâneo no Liceu do Ceará.

Por volta de 1935, nos altos dêsse sobradinho montou escritório de advocacia meu prezado amigo e colega do Instituto do Ceará e da

Academia Cearense de Letras, o brilhante intelectual Raimundo Girão.

Atualmente, em seu baixos (nº 326) se instala o armazém de tecidos pertencente a Carlos Bardavil, enquanto nos seus altos (nº 322) se abriga uma pensão de mulheres marginais.

Nº 336 — Demolido em novembro do corrente ano de 1959, para no local se levantar outro edifício, na esquina noroeste das ruas Major Facundo e São Paulo existia um velho e histórico prédio, com quatro portas para a primeira das citadas ruas e muitas para a segunda delas, além de um sótão ou sobreloja, testemunha secular de importantes e sangrentos episódios políticos da primeira metade da passada centúria.

Em 1841, ano do traiçoeiro assassinato do Major João Facundo de Castro Menezes, nesse prédio, que tinha então o número 72, residia êste chefe dos "liberais" oposicionistas, na parte correspondente às duas portas do lado norte, enquanto nas outras duas, formadoras da esquina, tinha loja montada o seu sobrinho e genro Cel. Joaquim José Barbosa Filho, morador da casa vizinha, como já foi dito.

A respeito do lamentável atentado à vida de um dos mais eminentes chefes políticos da então Província, parece-nos conveniente fazer ligeiro retrospecto, visto tratar-se de episódio conhecido apenas dos estudiosos da história regional.

Essa morte foi, por alguns, inclusive o jornalista João Brígido dos Santos (Revista do Instituto do Ceará, ano de 1908, págs. 370 a 376), relacionada como vingança dos "conservadores" eventualmente no poder durante a administração do brigadeiro José Joaquim Coelho, contra o chefe dos "liberais", ocasionalmente na oposição. Outros afirmam tratar-se de vindita do Cel. Agostinho José Tomás de Aquino, chefe "conservador" do Icó e deputado provincial, atingido pelo "envenenamento" de alguns membros da Assembléia, fato ocorrido a 27 de setembro de 1841 e por nós já referido quando tratamos do sobrado do Dr. José Lourenço de Castro e Silva (nºs. 154-156 da mesma rua). A êste médico e deputado "liberal", correligionário e parente de Facundo, foi imputada a grave falta de ter envenenado com tártaro a jarra da Assembléia, para que a situação política dominante não pudesse votar matéria contrária aos interêsses da oposição. Uma terceira versão diz respeito à vingança de dois irmãos de Inácio de Castro Moura, revoltados contra o fato de Facundo, a pedido de correligionário seu de Trairí, ter influenciado o conselho de jurados que absolveu a viúva daquele, cúmplice, com um seu escravo, da morte do próprio marido. Essas três versões foram suficientemente pulverizadas pelo Des. Paulino Noueira, no estudo que fêz sôbre a administração do brigadeiro José Joaquim Coelho (Revista do Instituto do Ceará, ano de 1905, págs. 223 a 281). Para êste criterioso historiador patrício, o Major Facundo "sucidou-se", pois recebera em tempo

aviso de que, por outro motivo, tramavam contra sua vida e ao mesmo não deu importância, dizendo tratar-se de infeliz expediente dos inimigos para meterem-lhe mêdo. Pouco antes de morrer, já havia, por mera sorte, escapado de duas tocaias. A primeira, na varanda do sobrado da esquina sudoeste das ruas Floriano Peixoto e São Paulo, onde residia sua irmã D. Vicência e seu cunhado e primo, o Capitão-mor Joaquim José Barbosa. Postados na então praça da Carolina, atual Capistrano de Abreu, em frente ao Quartos da Agostinha, demolidos para a construção do Palacete da Assembléia Legislativa, os sicários não alvejaram o Major Facundo porque, na hora exata em que tiravam os clavinotes do meio de fechos de lenha em que os tinham escondido, D. Vicência se vem meter entre o marido e o irmão, cobrindo-os com os braços. A segunda, horas antes da consumação do assassinato, assim se passou. Facundo vai à Festa de N. S. da Conceição, na Praínha, passando pelo caminho que ligava a praça da Matriz, hoje da Sé, àquela igrejinha, atualmente anexa ao Seminário, caminho difícil e ermo que hoje tomou o nome de Rua Rufino de Alencar. Esperando que por aí também voltasse Facundo, os assassinos se postaram nesse local, conhecido por beco da Bica. Mas Facundo, terminada a festa, vai passar o resto do dia na praia do Meireles, junto a membros de sua família, voltando por outro caminho — o da praia. Da terceira tentativa não escaparia, porém. Pouco antes das 20 horas, em casa, vai à sala, despachar um portador e, contra o conselho da espôsa, levanta a rótula da janela. Da tapera de BOLACHINHA, abandonada e cercada de carrapateiras, partiu um clarão, pelo que a espôsa de Facundo, impressionada com o bilhete anônimo que o marido recebera, lhe adverte que do mato em frente como que um clavinote "mentira fógo". Mal Facundo zomba do receio da mulher, do mesmo local partem dois tiros certeiros, que esmigalharam sua cabeça e atingem, levemente embora, sua espôsa. Assim se consumou mais um bárbaro assassinato político em nossa terra, pondo em sobressalto a família cearense. Em homenagem à memória do ilustre morto foi que, anos depois, a rua da Palma e a rua do Fogo, continuação daquela após a Praça do Ferreira, tomaram o nome de Major Facundo.

Sepultado em parede interna da igreja do Rosário, seguindo costume da época, sua família fêz questão de que o Major Facundo permanecesse de pé. E na lápide ali colocada, ainda hoje existente, foi feita sutil alusão à participação que, no seu entender, tivera no lutuoso acontecimento o então Presidente da Província, brigadeiro José Joaquim Coelho, hipótese refutada pelo Des. Paulino Nogueira, como foi dito antes.

Nesse prédio residiu, ainda algum tempo, a inditosa viúva do Major Facundo, até que, a partir de 1854, foi totalmente ocupado pela Casa Vilar, do ramo de ferragens, pertencente ao português

João da Silva Vilar, sogro de Pedro de Queirós e pai de José Moreira Vilar. Êste reformou o velho prédio para, no cinqüentenário da firma (1904), comemorar o evento. Foi, então, que ao prédio, de meio quarteirão que era, foi adjudicada a outra metade, pela futura Rua São Paulo, o que o fêz comunicar-se com a Rua Barão do Rio Branco. A Casa Vilar nêle demorou pelo longo espaço de 105 anos, até novembro de 1959, quando foi demolido para, no local, ser levantado novo edifício pertencente a Carlos Jereissati. A Casa Vilar daí mudou-se para a Rua Barão do Rio Branco, 832.

Aqui termina o terceiro quarteirão da Rua Major Facundo, lado da sombra.

**3º Quarteirão (entre as Ruas Senador Alencar e São Paulo) — Lado do sol.**

Dêsse trecho da Rua Major Facundo, em 1845, "Outro Aramac" nos fornece a seguinte informação, seguindo o rumo sul-norte:— "Começando na casa de esquina, com mirante para a rua da Assembléia, na qual tinha loja Manuel José Salgado do Couto; seguia com pequenas casas até a esquina, em que tinha loja José Maria Jorge. No centro do quarteirão existia a venda denominada — Tubiba — e a alfaiataria do mestre Xico; estava completo êste quarteirão com pequenas casas, vizinhando com José Maria Jorge a antiga loja de Machadinho, em frente, atualmente (1903), à casa Areiras".

Percorramos êsse quarteirão, mas em sentido contrário, como vimos fazendo com os demais.

S/n, embora devesse receber o nº 253 — Edifício Jangada, com sete pavimentos inclusive o térreo, propriedade da Prudência Capitalização. Construído no terreno de dois prédios antigamente existentes.

Na informação de "Outro Aramac", no primeiro dêles (casa térrea de três portas) tinha loja José Maria Jorge, por volta de 1845. Na segunda metade do século passado ali se instalava a casa de secos e molhados, fazendas e ferragens do pai do naturalista Francisco Dias da Rocha, meu colega do Instituto do Ceará, e irmão de Frederico Dias da Rocha, também com loja na esquina em frente, nº 223 atual da mesma rua, como ficou dito oportunamente, e que se mudou para outro prédio, igualmente da mesma rua, nº 101 atual, conforme foi semelhantemente explicado. Mais tarde, nêle estava a firma Loureiro e Cia., cujo principal sócio, o português Antônio Augusto Loureiro, foi pai de Jaime Loureiro e avô do advogado Célio Loureiro Cavalcante. Depois, ali se abrigou a firma Juvêncio Barreto e Cia., dêste e do cel. José Gentil Alves de Carvalho. Dissolvida a aludida firma, nêle se instalou a Casa Bancária de José Gentil, posteriormente transformada em Banco Frota Gentil, há muitos anos fun-

cionando noutro local (esquina sudoeste das ruas Floriano Peixoto e Senador Alencar), e mais recentemente em Banco Cearense do Comércio e Indústria.

No segundo dêles, também casa térrea e de três portas, assim pelo ano de 1845, na informação de "Outro Aramac", existia "a antiga loja de Machadinho", confrontando com o prédio em que, futuramente, se instalaria a Casa Areias. Mais para o fim do século, foi sede da Alfaiataria Rosas.

Demolidas essas duas casas, foi no local construído, há pouco mais de dez anos, o Edifício Jangada, conforme foi dito. Nos andares superiores, salas para escritórios e a instância superior da Justiça do Trabalho. No térreo, a entrada para os altos (uma porta larga) e a sede do Banco da Lavoura de Minas Gerais (duas portas largas). Mais duas janelas largas existem no pavimento térreo, servindo à dependência do prédio que tem entrada pela Rua Senador Alencar.

Nº 265 — Sobrado construído no local de antigo prédio térreo de três portas. Pelos fins do século passado, nessa casa hoje desaparecida, se instalara, com loja de fazendas e molhados, Joaquim Felício de Oliveira Lima, pai do chamado "Terror do Acre", homem que mais calçamentos construiu em Fortaleza. Segundo depoimento do dr. Antônio Teodorico da Costa, nesse prédio também estêve a Casa Torquato.

Atualmente, no sobrado construído no local se instala a Cooperativa de Crédito do Ceará (baixos), cujos administradores são os srs. Antônio Gomes Guimarães e Francisco de Assís Barbosa, o primeiro presidente, ainda, do Náutico Atlético Cearense, e o segundo meu colega de magistério na Faculdade de Ciências Econômicas. Nos altos dêsse prédio funciona o escritório da Construtora Aldo Mesquita. Tempos atrás, no velho prédio que aí existia, já referido, teve uma de suas muitas sedes em nossa capital a Casa Singer. Ainda lá estêve abrigada a casa de ferragens de Cícero Souto, irmão do maestro Souto Maior.

Nº 273 — Sobrado de três portas, onde se acha abrigada a firma Tecidos Cardoso S. A.

Primitivamente, nêle estêve um armazém de fazendas e a oficina de encadernação de Sátiro Verçosa.

Ns. 279-285 — Artístico sobrado, construído por Milton Costa Freire, no local de dois prédios térreos de três portas cada um, para nêle instalar sua casa de couros. Hoje, a sua metade norte abriga a Casa Nova, de tecidos, enquanto na outra parte se instala a firma de A. P. Bezerra, que já peregrinou por outros prédios da mesma rua.

No antigo prédio correspondente ao atual 279, existia remotamente o Armazém Manaus, de tecidos, enquanto no seu vizinho do lado sul (atual nº 185), assim pelo término do século passado, fun-

cionava uma tabacaria e, mais recentemente, uma anterior sede da casa de ferragens de Conrado Cabral.

N. 293 — Prédio térreo de duas largas portas, rasgadas por conveniência comercial, que, parece, corresponde a dois antigos de duas ou três portas cada um, ou a um de quatro ou cinco portas, onde, presentemente, se instala a firma, do comércio de tecidos por atacado, Álvaro Dias e Cia.

Pelos fins da passada centúria, aqui tinha bazar de louças Confúcio Pamplona, "uma das melhores lojas da capital". Ainda no depoimento do dr. Antônio Teodorico da Costa, "seu proprietário era um espírito americanizado, pelos anúncios que fazia". Além de louças, aí se vendia excelente cerveja, motivo por que era ponto de reunião dos rapazes e senhores das melhores famílias da terra. Confúcio Pamplona era, de fato, progressista, cabendo-lhe a iniciativa da instalação dos primeiros telefones em Fortaleza, ainda pelo sistema de manivela. Assim pela terceira década do corrente século, nesse prédio se instalou a Tipografia Minerva, de Assis Bezerra, pai de meus prezados amigos Caubí, Juraci e Antenor Bezerra, conhecidos líderes católicos. Posteriormente, aí se abrigou a firma J. Bezerra e Cia., hoje no segundo quarteirão da mesma rua, nº 204, conforme foi visto nestas notas. Quando da segunda grande guerra, com o afundamento do navio "Siqueira Campos", em nossos mares cearenses, comandado, aliás, por meu primo Aristóbulo Soriano de Melo, para aqui foram transferidos os "salvados" do naufrágio, vindos do prédio da esquina noroeste das ruas Visconde de Sabóia e Cel. Ferraz, precisamente a casa em que nasceu o grande poeta José Albano, em cujo local, com a sua demolição, foi levantado um dos edifícios de apartamentos do Cel. Pedro Filomeno. Finalmente, antes do atual inquilino, ocupou-o a firma A. P. Bezerra, hoje no nº 285, prédio vizinho do lado norte, conforme vimos.

Nº 303 — Atual sobrado, onde se instala, no térreo e na sobreloja, a companhia de navegação aérea Cruzeiro do Sul, enquanto o pavimento superior está destinado a pequenos escritórios.

Segundo declaração do naturalista Francisco Dias da Rocha, havia aí, pelos fins do século findo, um armazém de estivas, informação completada pelo dr. Antônio Teodorico da Costa, que afirma, em entrevista concedida, a 29 de junho de 1934, ao jornal "O Nordeste", ter funcionado aí, na casa vizinha à de Confúcio Pamplona, a Mercearia Borges, de Ernesto Borges. Seguiu-se a êsse armazém ou mercearia a loja de ferragens de Conrado Cabral. Finalmente, antes do atual ocupante, aí estêve o sr. Sousa Carvalho.

Nº 311 — Atual prédio térreo de duas portas, onde se abriga o armazém Carrá, que comercia com linhas, miudezas e ferragens. Compunha, com a metade norte do imóvel vizinho (atual n. 321), um só prédio térreo de quatro ou cinco portas, onde se instalava a Loja

de Sirgueiro, alfaiataria civil e militar, depois mudada para o segundo quarteirão da mesma rua, conforme vimos.

Feita a divisão do velho prédio em duas partes, nesta seção norte estêve o escritório de Joaquim Deodato Martins, depois mudado para o segundo quarteirão da mesma rua, bem como o armazém de tecidos de Totó Siqueira.

Nº 321 — Atual edifício de dois andares, com duas largas portas, rasgadas por conveniência comercial, onde se instala a firma J. Torquato e Cia., especializada em ferragens. A metade norte do edifício foi construído, como vimos antes, em terreno correspondente a uma secção do velho prédio térreo que, juntamente com o que dêle ainda resta (n. 311 atual), então ali existia e onde se abrigava a Loja de Sirgueiro. A metade sul está sôbre terreno onde se levantava uma casa térrea, sede da ourivesaria de Neco Maia, pelos fins do século passado, cujo proprietário foi depois dono de uma joalheria no quarteirão seguinte da mesma rua, conforme veremos, e, finalmente, administrador da Emprêsa Funerária. Seguiu-se à ourivesaria de Neco Maia a loja de ferragens de Conrado Cabral.

S/n — Prédio térreo de três portas, hoje rasgadas por conveniência comercial, onde está a secção de sanitários da firma J. Torquato e Cia., nº 321 atual. Levanta-se em terreno integrante dos fundos onde existia a barraca de "Bolachinha", de onde atiraram no Major Facundo, em dezembro de 1841.

Nº 339 — Prédio térreo de duas portas para a Rua Major Facundo e muitas para a Rua São Paulo, onde se instala, atualmente, o Auto Elétrico, de Carlos Juaçaba e Filhos, vindo da esquina nordeste da Rua Major Facundo com a travessa Pará, conforme veremos. A época do assassinato do Major Facendo (1841), era parte integrante de terreno onde se levantava a barraca de "Bolachinha". Poucos anos depois (1845), nesta esquina se construiu um prédio, "com mirante para a Rua da Assembléia (São Paulo), na qual tinha loja Manuel José Salgado do Couto", na informação de "Outro Aramac", conforme vimos, e, depois, o negociante Diogo, segundo depoimento de João Nogueira ("Fortaleza Velha", pág. 24).

Por volta de 1910, aí tinha escritório um português que era dono de uma fábrica de cigarros, instalada na esquina noroeste da Rua Guilherme Rocha, com a Avenida Tristão Gonçalves. Não lhe cito o nome, mas a firma era de "Lopes Sá". Êsse português tinha o curioso costume de pagar a lotação tôda do bondezinho que o levava da Praça do Ferreira à da Lagoinha. Nesse local, depois se abrigou o escritório de J. Markan, também proprietário de uma fábrica de cigarros, instalada em outro local. Sucedeu-lhe a Farmácia Globo, de José Nogueira Sampaio, o popular "Tenente", que assim era apelidado por ter êsse pôsto na Guarda Nacional. "Tenente", de volta de uma estada no Rio, fechou a "Farmácia Amazonas" e fundou a

"Globo", por volta de 1928, mantendo o citado estabelecimento até 1930. "Tenente" é filho adotivo de uma parenta de minha mãe, descendente dos Guilherme de Melo que, vindos de Mossoró, se fixaram em Redenção. Mais recentemente aí se abrigou o Banco Caixeiral, depois transformado em Banco de Crédito Comercial. Quando êste adquiriu o sobrado da esquina sudeste das ruas Floriano Peixoto e São Paulo, onde estivera localizada a agência do Banco do Brasil, e para êle se passou, a esquina nordeste das ruas Major Facundo e São Paulo foi ocupada pelo Armazém Humaitá, de José Meireles, depois instalado em prédio do segundo quarteirão da Rua Major Facundo e hoje em prédio da Praça General Tibúrcio. Ocupou-o, depois, o Auto Elétrico, já aludido. Não há nêle sinal do mirante referido por "Outro Aramac".

Nesta esquina se achava situado um dos lampiões pendentes, com iluminação de azeite de peixe, instalados em 1848 ("Datas e Fatos", 2º vol., do Barão de Studart, e "Fortaleza Velha", de João Nogueira).

Termina aqui, êste lado do terceiro quarteirão da Rua Major Facundo.

**4º Quarteirão (entre as Ruas São Paulo e Cel. Guilherme Rocha) — Lado da sombra.**

De como era, em 1845, êsse quarteirão da atual Rua Major Facundo, "Outro Aramac" nos fornece uma descrição. Diz êle, seguindo o rumo sul-norte: — "Começava no sobrado de dois andares, primeiro, que se edificou nesta cidade; obra da sêca de 1825, feita por Conrado, com soldados e retirantes, e com os socorros públicos, para o coronel Machado. Terminava no sobrado, em que tinha loja Paz Pinto, hoje (1903), livraria Bivar. Neste quarteirão residiam José Pio Machado, Manuel Félix de Azevedo e Sá, Dr. Pedro Pereira, os negociantes portuguêses Joaquim Teixeira Leite, Joaquim Marroquim, Manuel Bravo e alguns outros. No centro estava o sobrado de Desidério Miranda".

Tentemos percorrê-lo, em sentido contrário, como vimos fazendo com os demais.

Nº 354 — Atual Edifício América, composto de dois pavimentos e porta de entrada para os altos no meio do quarteirão da Rua São Paulo.

Nos baixos e na esquina, funciona a Farmácia Teodorico, para aqui mudada há poucos anos, vinda de outro prédio da mesma rua, onde estivera por muito tempo, enquanto pertencera a vários membros da família Costa. Adquirida por Carlito Benevides, ali demorou pouco e na nova sede se acha há menos de uma década.

Os altos compreendem salas ou pequenos apartamentos para

rapazes, enquanto no resto dos baixos, até a porta de entrada para os altos, se acham instaladas pequenas lojas, especialmente relojoarias.

Por volta de 1845, era um sobradão, em cujos baixos tinha loja Paz Pinto, na informação de "Outro Aramac". Entre 1860 e 1880 conforme depoimento do Dr. Antônio Teodorico da Costa, ali se instalava a loja "O Profeta", de modas e fazendas, pertencentes a Geminiano Maia, futuro Barão de Camocim. Ao depois, nos baixos dêsse velho sobrado, que tinha duas portas para a Rua Major Facundo, estêve a livraria de Gualter R. Silva, cujos herdeiros a passaram para um seu antigo caixeiro, o sr. Militão Bivar, que a intitulou "Libro-Papelaria Bivar". Assim era em 1903, segundo "Outro Aramac". Para esta foi transferida a primeira **roda de livraria** que funcionou no Ceará, antes existente na "Livraria Araújo", de Antônio Ildefonso de Araújo, "na Praça do Ferreira, lado norte, vizinho parede-meia à Intendência", no dizer de Raimundo Girão. Anos depois, a livraria dessa esquina sudoeste das ruas Major Facundo e São Paulo passou a pertencer ao Banco do Ceará, de cujo espólio se transferiu para Humberto Ribeiro, com a denominação de Livraria Humberto. Esta permaneceu aí até a derrubada do prédio em que se achava e a consequente construção do Edifício América.

De certo tempo até essa demolição, os altos do velho sobrado, com duas janelas para a Rua Major Facundo, abrigaram uma pensão de mulheres marginais.

Nº 364 — Sede atual da Cimaipinto (Companhia Importadora de Máquinas Irmãos Pinto), cujo principal acionista é o sr. Fernando Pinto, que aqui já estivera antes da reforma por que passou êste prédio. Para realizar essa reforma, mudou-se a Cimaipinto para o prédio vizinho (nº 372 atual), ali construído com o aproveitamento do terreno onde se levantavam duas casas térreas, até então existentes.

Aqui havia, antes da aludida reforma, um sobrado de quatro portas, uma das quais dava entrada para os altos, cujas quatro janelas ostentavam belas varandas. Êsse sobrado, segundo o Dr. Antônio Teodorico da Costa, abrigava, por volta de 1860 a 1880, a loja de fazendas de Raimundo Bravo, o que nos leva à conclusão de que provàvelmente era aqui, em 1845, a residência de Manuel Bravo, a que alude "Outro Aramac". Ocupou-o, depois, Henrique Mesiano, instalando sua joalheria nos baixos e residindo nos altos, até a década de 1930. Quando Henrique Mesiano, a despeito de manter sua casa de comércio nos baixos dêsse prédio, passou a residir no Rio de Janeiro, os altos foram ocupados pelos estúdios da PRAT, embrião da atual Ceará Rádio Clube, pertencente então aos Irmãos Dummar, pioneiros da radiodifusão entre nós, que mantinham sua casa de negócios no prédio próximo, em cujo terreno foi construído o de

nº 372 atual, vindos, aliás, de um pouco mais longe, dos baixos do sobrado nº 394 atual, conforme veremos. Dos estúdios da PRAT foi que o Prefeito Raimundo Girão fêz o discurso inaugural da Coluna da Hora, aos primeiros instantes do novo ano de 1934. Fechada a joalheria de Henrique Mesiano e mudados os estúdios da PRAT para o sobrado da Rua Barão do Rio Branco, nº 1.172 atual, antiga residência do Deputado Federal Manuel Moreira da Rocha, chefe do Partido Democrata, êsse prédio foi ocupado pela Cimaipinto, que, para reformá-lo, se passou temporàriamente para o vizinho (nº 372 atual) e, depois, retornou ao antigo local, já modernizado.

Nº 372 — Atual prédio onde se abriga a Agência Matriz do Banco do Nordeste do Brasil, não há muito construído no terreno onde existiam duas casas térreas, uma de duas portas (lado norte) e outra de três (lado sul).

A numeração das casas de Fortaleza sofreu já duas reformas, a última das quais na administração do Prefeito Raimundo Girão, quando foi adotado o bem inspirado sistema de metragem. Na mais antiga numeração, a casa de duas portas (lado norte), em cujo terreno foi levantado o atual prédio nº 372, tinha o nº 80. Nela, assim pelo ano de 1842, residia Joaquim Marques Vairão, cujo filho Antônio, de 14 anos, foi morto pela escrava Bonifácia, depois justiçada com a pena máxima de enforcamento, aplicada no Passeio Público, então conhecido por Largo do Paiol da Pólvora. Bonifácia estrangulara, com uma toalha, o **senhor moço,** porque êste, na fazenda Siqueira, distrito de Arronches (Parangaba), a surpreendeu com o amásio e ameaçou de contar o fato ao pai. Para fingir que o desditoso menor morrera de mordeduras de cobra, a assassina picou com alfinetes o pé do cadáver e o colocou na **casa de farinha.** À chegada de seu **senhor,** pai do infeliz adolescente, Bonifácia apresentou-se em pranto, mas não foi difícil descobrir a verdade. Tudo isto se acha exaustivamente descrito pelo eminente historiador Paulino Nogueira, em seu primoroso trabalho sôbre "Execuções de Pena de Morte no Ceará" (Revista do Instituto do Ceará, tomo de 1894, págs. 62 a 68). É ainda de Paulino Nogueira a informação segundo a qual a casa de Joaquim Marques Vairão, no ano em que foi escrito aquêle trabalho (1894), tinha o nº 80, e abrigava então uma farmácia pertencente a Antônio Gonzaga Coelho de Almeida. Dessa farmácia me falou Gustavo Barroso, que viveu em nossa capital nos fins do século passado e princípios da atual centúria. Sei ainda, por informação de Manuel Albano Amora, que essa farmácia, antes, pertencera a Rodolfo Teófilo, de quem Antônio Gonzaga a adquiriu, passando-a depois a Afonso Ponte, um dos fundadores da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, filho de João de Pontes Medeiros, com armazém na casa ao lado (nº 82 antigo), e irmão de José de Pontes Medeiros, que foi Secretário da Fazenda do Estado. A farmácia de Afonso Ponte foi

sucedida, no prédio, por uma casa de calçados, pertencente a um comerciante de Maranguape, fechando-se, afinal, até que, juntamente com a vizinha (nº 80 antigo), foi demolida para, no local de ambas, ser construído o prédio onde, por algum tempo, enquanto se reformava a vizinha (nº 364 atual), se abrigou a Cimaipinto e, depois, a Agência Matriz do Banco do Nordeste do Brasil, que ainda aí se acha.

Na casa de três portas (lado sul), que tinha primitivamente o nº 82, depois o nº 150 e, mais tarde, o nº 376, antes da construção do novo prédio, que só então passou a adotar o nº 372, abrigava-se o armazém de tecidos de João de Pontes Medeiros, cujo filho Afonso, conforme ficou dito, mantinha a farmácia ao lado (nº 80 antigo). Sucedeu ao pai, na gerência dêsse armazém, Alfredo Ponte, e a êste, com escritório de sua fábrica de cigarros Araken, vindo da esquina nordeste desta rua com a São Paulo, J. Markan. No meado da década de 1930, vindos dos baixos do sobrado, hoje duas vêzes reformado e que tem atualmente o nº 394 da mesma rua (antes já recebera os nºs 86 e 150), os Irmãos Dummar ocuparam essa casa térrea de três portas, demorando-se nela até 1949, quando se mudaram para a Rua Floriano Peixoto, nº 517, onde ainda se acham.

Demolidos êsses dois prédios (nºs 80 e 82 antigos), foi levantado no terreno o atual prédio nº 372, onde estêve, temporàriamente, a Cimaipinto e está a Agência Matriz do Banco do Nordeste do Brasil.

**Nºs 380-384 — Sobrado, com três portas no pavimento térreo e três janelas avarandadas nos altos.** Em seu trabalho sôbre a Fortaleza de 1845, "Outro Aramac" informa que no centro dêsse quarteirão estava o sobrado de Desidério Miranda. Como êste de que nos ocupamos se acha localizado mais ou menos no centro do quarteirão e como, ainda, fotografias antigas mostram que era o mais vistoso e possìvelmente o único das imediações em 1845, não seria descabido supor ser êste o sobrado que mereceu especial referência daquele cronista. O que é certo é que êste sobrado (nº 84 antigo) era ocupado, no fim do século passado ou começo do corrente, por Adolfo Barroso, que mantinha casa de comércio (fazendas) nos baixos e cuja família residia nos altos.

Com o desenvolvimento da cidade, as famílias fugiram do centro urbano, que passou a ter características de zona tipicamente comercial. Então, os altos do velho sobrado passaram a ser ocupados por uma pensão de mulheres marginais (nº380 atual), enquanto os baixos (nº 384), constantes de duas portas, foram ocupados pela casa comercial de Carlos Braga, que se mudou depois para o pavimento térreo do Edifício América (Rua São Paulo, entre Major Facundo e Barão do Rio Branco). Posteriormente, a Cooperativa de Crédito do Ceará (já referida nestas crônicas, pois se mudou daqui para o prédio nº 265, da mesma rua), ocupou os baixos dêste sobrado que, desa-

lugados algum tempo, voltaram a servir de sede a uma casa comercial, desta feita a Casa Edson, especialista em material elétrico, pertencente a Miguel Machado, irmão de meu colega de estudos secundários, hoje ilustre cirurgião, Dr. Paulo Machado.

Nº 394 — Edifício de dois andares e portas rasgadas, por conveniência do movimento, em que se instala atualmente a agência local do Banco Nacional de Minas Gerais.

Era um sobrado de cinco portas térreas e cinco janelas avarandadas, nº 86 antigo e, depois, nº 150, pertencente ao cônsul português Manuel Caetano de Goveia, a quem a cidade deve, de certo modo, um grande serviço, pois foi responsável pela vinda do boticário Ferreira para o Ceará. Guilherme de Goveia, avô do dr. Jonas Miranda. herdou-o.

No início do corrente século, seus altos, com porta de entrada no centro do pavimento térreo, eram ocupados por Alberto Fiúza Montezuma, professor da Faculdade de Direito, cuja espôsa, D. Candinha Fiúza, mantinha, nessa porta de entrada para os altos, uma lojinha de selos.

As duas dependências térreas foram ocupadas por diversas lojas, como veremos a seguir.

Nas duas portas do lado norte estêve a "Casa Toscana", loja de modas pertencente a Jônatas Monte. Êste passou-a a Frutuoso José dos Santos e a Nicolino de tal, sobrinho do italiano Braz Brando, proprietário da casa "A Republicana", instalada em um dos prédios da Prefeitura outrora existentes no terreno em que foi construído o monstruoso Abrigo Central. Comprou-a de seus dois últimos proprietários o sr. Raimundo Liberato, padrasto de Mons. Luís de Carvalho Rocha, que morreu Cura da Catedral. Seu último dono foi Paulo Morais (Sênior), que a adquiriu com a liquidação de uma sua mercearia existente no Mercado Central, desde 1888. Na primeira década do século atual (1908), Paulo Morais adquire a "Tôrre Eifel", de Antônio Fiúza Pequeno e Álvaro Mota, instalada no prédio da mesma rua que tem atualmente o nº 377, onde se acha a "Casa Bicho", conforme veremos oportunamente, transferindo-a em 1911 para a casa onde ainda se acha (atual nº 402), ocasião em que reuniu o material existente nas duas lojas de sua propriedade e, conseqüentemente, fechou a "Casa Toscana". As duas portas onde esta se achava foram então ocupadas por uma loja pertencente a Odilon Lima. Sucedeu a esta a "Casa Bahiana", depois transferida para a esquina nordeste da mesma rua com a travessa Pará, conforme veremos na ocasião própria. Estas duas portas do velho sobrado foram, depois, ocupadas pela barbearia do popular Manèzinho, fechada afinal para a primeira reforma por que o prédio passou.

As duas portas do lado sul do velho sobrado eram ocupadas pela loja de Frutuoso de tal e, depois, pela casa de miudezas de José Tei-

xeira Mourão, sucedida pela Casa Dummar, que aí se instalou na década de 1920, mudando-se depois para a casa de três portas que, juntamente com a vizinha de duas, existia no local do prédio da mesma rua que hoje tem o n. 372, como foi visto. Seguiu-se a Dummar e Cia., a Casa Mundlos, que aí ficou até mesmo depois da primeira reforma por que o prédio passou.

Realizada essa primeira reforma do velho prédio, instalou-se, no lado norte do seu pavimento térreo, a Livraria Humberto, de Humberto Ribeiro, vinda da esquina sudoeste da mesma rua com São Paulo, de lá saindo quando da derrubada daquele velho sobrado para no local ser erguido o Edifício América, conforme vimos. A Livraria Humberto aqui ficou até a segunda reforma dêste prédio, realizada há pouco tempo, instalando-se em todo o edifício (baixos e altos) a agência local do Banco Nacional de Minas Gerais.

Por sua vez, após a primeira reforma, as duas portas do lado sul continuaram a ser ocupadas pela Casa Mundlos, que aí ficou até a segunda reforma do prédio.

Os altos, após a primeira reforma, abrigaram os escritórios de advocacia dos Drs. José Martins Rodrigues e José Ibiapina Siqueira (frentes) e Aderbal Freire e Magdaleno Girão Barroso (fundos).

Pessoas conhecedoras da história dêsse quarteirão da Rua Major Facundo garantem-me que a barbearia de Manèzinho se chamava "Iracema". A ser verdadeira esta informação, o lado norte dêste sobrado deve ter sido levantado no local de um prédio onde se instalava nas décadas de 1860, 1870 e 1880, a loja de miudezas de Carlos Hardy, incendiada a 29 de abril de 1874. Esta informação colhemo-la no Dr. Antônio Teodorico da Costa, que, aliás, se enganou quanto ao nome dêsse antigo comerciante (José), que o Barão de Studart registra corretamente (Carlos). É ainda o mesmo Dr. Teodorico quem nos diz que, onde estêve a Casa Dummar até 1934 (lado sul dêste sobrado), existia, entre 1860 e 1880, um prédio onde se abrigava a casa de Pedro Chapeleiro, especialista em consertos de chapéus e guarda-chuvas. Conclui-se, destas informações, que o sobrado antigo, duas vêzes reformado, já fôra levantado no terreno das duas aludidas casas — a de Carlos Hardy, incendiada em 1874, e a de Pedro Chapeleiro.

Nº 402 — Casa térrea de três portas, onde se acha atualmente a "Tôrre Eiffel", que tinha primitivamente o nº 88, depois passou a 152, e, hoje, no sistema de numeração por metragem, adotado em 1934, o nº 402.

Êsse prédio abrigava no fim do século passado, segundo informação verbal de Gustavo Barroso, uma loja de tecidos de um irmão de Chico Caminha. Segundo o mesmo informante, ocupou-o, depois, Gervásio Gurgel. Foi, posteriormente, sede da loja de fazendas em grosso de Sousa Carvalho. Ainda nêle se vêem hoje velhos armadores, destinados às rêdes dos fregueses da casa, vindos do interior do Ceará,

que aí mesmo se hospedavam, conforme costume então vigorante. Paulo Morais (Sênior), para aqui instalar a nova sede da "Tôrre Eiffel", adquiriu êste prédio, em 1911, por 25 contos de réis, pagando essa quantia parceladamente. Hoje ainda serve de sede a essa tradicional loja de nossa capital, nas mãos dos filhos de Paulo Morais.

Nº 408 — Sobradinho de duas portas, hoje rasgadas por conveniência comercial, em cujos baixos se abriga a relojoaria "O Garantido" e nos altos está o escritório de engenharia do Dr. Amílcar de Morais Távora, filho do eminente chefe político e clínico Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora, ex-Interventor, Deputado Federal e, atualmente, Senador da República.

Era, antes, uma casa térrea de duas portas, pertencente ao Vieirão, que viria a ser proprietário da célebre Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro. O Dr. Vergílio de Morais (Sênior), depois, comprou-a. Nela se instalou, pelo começo do século atual, a Casa Medeiros, como o indica fotografia antiga dêsse trecho da Rua Major Facundo. Sei, ainda, que posteriormente nela estêve abrigada a Livraria Ribeiro, de Luís Severiano Ribeiro (Sênior), então residente nos altos do vistoso sobrado da Praça do Ferreira, do qual foi demolida uma parte com a construção do Cine São Luís. Na década de 1920, essa livraria se passou para os baixos da residência de seu proprietário. Em sua antiga sede, porém, abriu-se outra livraria — a Morais — filial daquela, de que eram co-proprietários Paulo Morais (Sênior) e seus filhos, também donos da "Tôrre Eiffel", como vimos. Em fins da década de 1930, os herdeiros do Dr. Vergílio de Morais (Sênior) pediram a casa para reformá-la, mudando-se a Livraria Morais para o prédio da Praça do Ferreira em que já estivera a Livraria Ribeiro, e, finalmente, quando do início da construção do Cine São Luís, para a casa em frente à primeira de suas sedes, conforme veremos.

Reformada a casa, que vinha sendo alugada por Cr$ 400,00 mensais, e levantado o atual sobradinho, êste permaneceu fechado pelo espaço de oito anos, face ao novo aluguel pedido: Cr$ 2.500,00. Foi, afinal, ocupado pela Casa Singer, que alugou os baixos por Cr$ .... 1.600,00 mensais. Hoje, êsses baixos são ocupados, como ficou dito, pela relojoaria "O Garantido", enquanto os altos servem ao escritório de engenharia do Dr. Amílcar de Morais Távora.

Nºs 414-418 — Casa térrea antigamente de quatro portas, onde funcionou, pelos fins do século passado e princípios do corrente, a Casa Guarani, de Esmerino Barroso, irmão de Adolfo, ocupante do sobrado próximo nºs. 380-384, conforme vimos, e pai do musicólogo Paurilo Barroso. Falando dessa loja, Gustavo Barroso nos diz, em seu "Coração de Menino", que "ao centro do balcão, pintado de verde-mar, se erguia a estátua de um guerreiro indígena, emplumado e colorido, de tamanho natural", alvo de sua admiração desde pequeno. Ainda na primeira década da presente centúria, nessa casa

de quatro portas estêve a Casa Petrópolis, de João Sobreira, depois transferida para a esquina sudeste da mesma rua com a São Paulo, como teremos oportunidade de referir. Na década de 1920, nela abrigou-se a loja de fazendas denominada Casa Esperança, da firma Xavier Pinto e Irmãos. O sócio principal, Francisco Xavier Pinto, era pai do oculista Dr. Honório Correia Pinto e de José Correia Pinto (Zebinha), funcionário do Banco do Brasil, bacharel em Direito e hoje Deputado Estadual. Era, ainda, sogro do dr. Francisco Moreira de Sousa, ginecologista desaparecido há cêrca de dez anos. Dissolvida a firma, Francisco Xavier abriu, na esquina sudeste da Rua Floriano Peixoto com a Travessa Morada Nova, em prédio antigo que existia ali, uma loja denominada "Au bon marché". Permaneceram, na Casa Esperança, Miguel Xavier, pai de meus contemporâneos do Liceu do Ceará, José Marcelo e Hortêncio, e outro irmão de Francisco Xavier. Aí também estêve a casa de fazendas de Salim, Nassif e Nagib Jereissati, na década de 1930. Possuo uma bem nítida fotografia do centro urbano de Fortaleza, batida no dia 20 de março de 1934, de bordo do avião da Panair que aqui chegara na véspera a fim de inaugurar a ligação aérea entre o Rio de Janeiro e Belém do Pará, na qual se vê, com o auxílio de lente, o letreiro da "Casa Jereissati" inscrito no frontispício dêsse prédio térreo de quatro portas.

Creio ter sido depois do fechamento ou mudança da Casa Jereissati que o prédio de quatro portas foi dividido em dois de duas portas, tomando os nºs. 414 a secção norte e 418 a secção sul.

Na seção norte passou a funcionar o Restaurante Cascatinha, de Pedro Ribeiro, o popular "Pidoca", concunhado de meu particular amigo e velho líder trabalhista Manuel dos Santos, antigo Presidente da Legião Cearense do Trabalho e proprietário da tradicional Tipografia Santos. Pidoca foi recentemente assassinado por um gatuno na loja de miudezas que abriu em Brasília, para onde se deslocou há poucos anos, quando fechou sua casa de pasto de Fortaleza, encarnando o espírito de pioneirismo do cearense, agora crismado de "candango". Sucedeu ao "Cascatinha" a loja de móveis de Salim Ary e Cia. Ltda., que ainda lá se acha.

Na secção sul instalou-se, há anos, o Café do Comércio, na sua terceira fase existencial. Nesse café fazia "ponto" o brilhante intelectual Prof. Mozart Pinto, cercado de admiradores, entre os quais vale ressaltar os "chauffeurs" de postos existentes nas imediações. A morte de Mozart Pinto, ocorrida em 1948, coincidiu com o fechamento do Edem Café, gerenciado por Irineu Moreno, em sua segunda sede, na Praça do Ferreira nº 601, onde se vinham reunindo, há anos, os componentes do Grupo Clã. Por sugestão minha, nossas tertúlias diárias, nos fins dos expedientes matutino e vespertino, foram então transferidas para o Café do Comércio, sob a administração dos irmãos Uchoa. Com nossa roda literária confraternizava, por vêzes, a roda

de então jovens cientistas, motivo por que "o COMÉRCIO tomou ares de uma ARCÁDIA", no dizer de Raimundo Girão. Mas o progresso não havia de perdoar essas liberalidades de tempo em época de agitação acentuada. O Café do Comércio fechou em 1954, dissolvendo-se, quiçá, a última roda literária com assento certo e demorado. Ali pontificaram — para falar só dos mortos — Mozart Pinto, Joaquim Alves, João de Deus Cavalcante, Pe. Leopoldo Fernandes... Ainda bem que tão bela tradição intelectual foi sucedida, desta feita, por uma livraria, a "Quinderé", em sua última fase existencial, já tendo ocupado prédio em frente, hoje desaparecido, conforme veremos na oportunidade.

Nº 424 — Prédio térreo de três portas, rasgadas por conveniência comercial, hoje dependência da Companhia Quixadá, cuja sede tem frente para a Rua Barão do Rio Branco. Antigamente, e não há muito, havia em seu frontispício bela estátua de Mercúrio, tamanho natural, tôda de bronze. Para onde teria sido levada essa relíquia artística de nossa terra? Ainda mais:— bela marquise de metal ornamentava êsse prédio, hoje inexplicàvelmente revestida de madeira!... Todo aquêle requinte foi gôsto do capitalista Plácido de Carvalho, que aí comerciou com fazendas no início do século corrente. Antes dêle, porém, aí estêve o armazém de Manuel M. Fradique, sogro do Cel. João Alves Grangeiro, distinto oficial reformado do Exército Nacional e destacado católico conterrâneo, segundo sucessor do Barão de Studart na presidência do Conselho Metropolitano da Sociedade de São Vicente de Paulo.

Êsse prédio era de propriedade de Carvalho, que sempre desejou permutá-lo com o de nº 438 da mesma rua, pertencente ao abolicionista José do Amaral, de quem sua filha, D. Abigail, espôsa do Desembargador, depois Presidente do Estado, José Moreira da Rocha, o recebeu como parte da herança a que fazia jus quando do segundo casamento de seu pai. Desejava Plácido de Carvalho essa permuta, em vista de a casa nº 438 se achar imprensada entre o prédio em cujo terreno viria a construir o Excelsior-Hotel, em 1927, e o sobrado de nº 430, também de sua propriedade. Mas nunca logrou a aquiescência do Desembargador Moreira da Rocha, com a qual, provàvelmente, teria construído um edifício de frente muito mais larga para a Rua Major Facundo. Falecendo Moreira da Rocha, em 1934, e embora já sofrendo da doença que o levaria ao túmulo, Plácido de Carvalho ainda assim mandou propor a D. Abigail aquela permuta, conseguindo-a, afinal. Já nessa época alugava o prédio nº 424 da Rua Major Facundo a Companhia Quixadá, que ainda hoje lá se acha.

Nº 430 — Terreno murado em que se levantava, há alguns anos, um sobrado de três portas, duas das quais serviam à dependência térrea e outra dava entrada para os altos.

Já nos fins do século passado, aí se instalava a loja de fazendas

do Cel. Paulino Barroso, pai de Joaquim e avô do desportista Walter, seus sucessores na gerência do estabelecimento. Desde 1899 até 1927 (28 anos bem vividos) aí trabalhou Vicente Roque de Menezes, decano dos pracistas de Fortaleza, ainda hoje em plena e honesta atividade. Paulino Barroso era também pai de Adolfo (residente no sobrado ns. 380-384), Esmerino (com loja na casa ns. 414-418) e Ermino (pai de Parsifal, meu contemporâneo no Liceu do Ceará e, depois, Deputado Estadual, Deputado Federal, Senador da República, Ministro do Trabalho e Governador do Estado, numa brilhante carreira política dificilmente superada entre nós). Os baixos dêsses prédios foram depois sede da Livraria Comercial, desde 1942 na casa nº 523 da Rua Floriano Peixoto, enquanto os altos abrigaram alguns consultórios, inclusive o do Dr. Acrísio Moreira da Rocha, posteriormente eleito duas vêzes Prefeito de Fortaleza, filho que é do prestigioso chefe do antigo Partido Democrata, Dr. Manuel Moreira da Rocha. Aí também funcionou a firma V. Carneiro, de membros da família Carneiro, da Paraíba, responsável pela publicação da "Revista dos Industriais", de vida efêmera.

O prédio foi demolido há alguns anos para, no local, ser erguido outro, o que até agora não se fêz. O terreno continua murado, à falta de boas posturas municipais que obriguem seus donos a nêle construir novo prédio, para melhor aspecto do centro urbano da cidade.

Nº 438 — Era uma casa térrea, de três portas, onde se abrigava, no início do século corrente, o armazém de fazendas de Júlio Reishoffer, vulgo Júlio Ventinha. Serviu, depois, de sede ao armazém de fazendas da firma Amim Ary e Filho, e, finalmente, foi ocupada por bilhares, até ser demolida para, no local, juntamente com o vizinho, ser erguido outro prédio. Mas continua terreno murado... Pertencia, como vimos, a José do Amaral, de quem o herdou sua filha, D. Abigail, que o permutou com o de nº 424, então de propriedade do capitalista Plácido de Carvalho, a quem a cidade deve inúmeras iniciativas progressistas, como a construção do Excelsior-Hotel e do belo palacete florentino da Aldeota, criminosamente cercado de casas em estilo diverso, por via da ganância em aproveitar o terreno de seu amplo jardim circundante. Licença dessa natureza nunca devera ter sido concedida! Mas, a despeito do esfôrço de pioneiros como o Dr. Raimundo Girão, sòmente agora, em nossa terra, em função talvez do trabalho de alguns aguerridos arquitetos que se agrupam em tôrno da Universidade do Ceará, se está formando uma mentalidade urbanística, urgente e necessária, que impõe a adoção de um Plano Diretor para a cidade, infelizmente duas vêzes fracassado (Planos Nestor de Figueiredo e Sabóia Ribeiro).

Ns. 442-446-450-454 — Excelsior-Hotel, edifício de oito pavimentos e sete portas para a Rua Major Facundo e várias portas, inclusive entrada para os altos, pela Rua Cel. Guilherme Rocha. Todo

de alvenaria e ornamentado de belas e variegadas varandas, foi levantado em 1927, no terreno do velho sobradão que durou 102 anos, por sua vez construído no sítio de antiga casa térrea, alí existente até 1825. Dessa casa térrea nos dá notícia Paulino Nogueira, no trabalho aqui já citado, pois era costume naquela recuada época fazer com que os sentenciados à morte assistissem missa na igreja do Rosário, então servindo de matriz, e seguissem, depois, pelas ruas Municipal (Cel. Guilherme Rocha) e da Palma (Major Facundo) em procura do Largo do Paiol (Passeio Público), onde geralmente se realizavam as execuções. Circunstância tão entristecedora serviu para eterno registro dessa casa térrea, visto como o tenebroso préstito dobrava na esquina em que ela se achava construída. Em seu lugar foi, em 1825, levantado um sobradão de três pavimentos, o primeiro dessa altitude entre nós, pois até então se supunha que o terreno de areia frouxa da cidade não suportaria construção superior a um simples sobrado de dois pavimentos. Foi preciso, mesmo, agir com energia, recrutando operários na cadeia, no quartel ou entre os flagelados da grande sêca de 1825, sob a direção do tristemente célebre presidente da Comissão Militar que julgou e executou os republicanos da Confederação do Equador, o coronel de engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer. Custeava as obras o Comendador José Antônio Machado, dono do imóvel, que o cedeu, para nêle hospedar-se, à Comissão Científica que, em 1859, estêve no Ceará, integrada por Gonçalves Dias, Capanema e outros. Além do preconceito que impossibilitava a construção de prédios altos em Fortaleza, outra razão impedia êsses atrevimentos, pois "não era admissível que um particular possuísse uma casa MAIS ALTA QUE A DO PRESIDENTE", na informação de João Nogueira. A CASA DO PRESIDENTE não era ainda o atual Palácio, cognominado DA LUZ, em artigo de "O Nordeste", pelo Dr. Andrade Furtado, ao tempo da administração Justiniano de Serpa. Essa designação foi proposta não apenas por ter sido nossa terra honrosamente assim chamada pelos Libertadores de outras regiões do país, mas ainda — e aqui vai uma revelação inédita, que me foi feita pelo próprio Dr. Andrade Furtado — por viver feèricamente iluminado, naquelas noites, o casarão colonial que tem servido de sede ao govêrno do Ceará. A CASA DO PRESIDENTE era ainda a que dava fundos para a Feira Velha, e dispunha de terreno com dois portões para a rua de Baixo (atual Sena Madureira), onde, depois, se construiu o anti-higiênico Mercado Central, há muito exigindo demolição e a conseqüente abertura de novo trecho da Rua Senador Alencar, providência que ensejaria a comunicação desta artéria com a Rua Sena Madureira. Essa medida significaria mais um passo para a almejada ligação das ruas Senador Alencar e Costa Barros, necessária para o descongestionamento do trânsito urbano, a exemplo do que se fêz recentemente com a Rua Cel. Guilherme Rocha, a

fim de possibilitar a sua ligação com a Avenida Santos Dumont. Como necessário é, também, o prolongamento da Rua Pereira Filgueiras, cortando o terreno em que se acha o Palácio Arquiepiscopal, providência que ainda traria outra vantagem, qual de tornar possível o loteamento da parte seccionada do terreno do Arcebispado e a aplicação dessa renda no prosseguimento mais acelerado dos trabalhos de construção da nossa suntuosa Catedral.

Temos do sobradão do Comendador Machado antiga fotografia. Era um prédio de três pavimentos, com três portas para a futura Rua Major Facundo e quatro para a travessa Municipal, hoje Rua Cel. Guilherme Rocha. Vizinhando êsse sobradão, pelo lado da Rua Major Facundo, havia um chalèzinho de dois pavimentos e duas portas, assim como, pela rua Cel. Guilherme Rocha, existia um sobradinho, igualmente de dois pavimentos e duas portas, ambos partes integrantes do bloco central do prédio de três pavimentos, pertencente ao Comendador Machado, compondo os três o terreno em que se levantou o Excelsior-Hotel. Sòmente as três janelas do segundo pavimento, que davam para a Rua Major Facundo, ostentavam varandas. A construção era fortíssima e a disposição das salas e quartos, nos dois andares superiores, atendia ao gôsto antigo português, no depoimento de João Nogueira, que visitou o prédio às vésperas de sua demolição (junho de 1927). "As salas de visitas — nos diz êle — não são espaçosas: nem os quartos, que são pequenos, parecendo destinados a uma só pessoa cada um. As paredes — continua o saudoso cronista da cidade — ainda estão revestidas dessa espécie de estuque, que os nossos pedreiros chamam GUARNECIDO DE CAL. Se é o primitivo, ainda se conserva perfeito, apesar dos seus 102 anos de idade". Ao tempo dessa visita, estava o prédio cheio de "inscrições e figuras de uma obscenidade repugnante". É que nos altos do sobradão centenário havia estado, até há pouco tempo, o Hotel Central, e muitos dos hóspedes haviam deixado nas paredes "as marcas de seus espíritos, tendências e costumes". Antes, por volta do fim do século passado, o imóvel pertencia ao comerciante Gradvohl, morando nos altos sua família e instalando-se nos baixos a Loja Boa Fé, de Gradvohl & Picard, depois de Gradvohl Frères e, finalmente, de Gradvohl & Filhos, de quem foi caixeiro o depois Demutado estadual George Moreira Pequeno. Êsses baixos da antiga casa residencial do Comendador Machado e seus descendentes tiveram, como vimos e veremos, melhor destino do que os altos. É que, no dizer de Raimundo Girão, a história literária de Fortaleza não pode ser escrita sem o exato conhecimento da vida dos **cafés**, onde se trocava boa prosa e se arquitetavam planos. "Até os desafetos — diz o referido historiador — não coravam de sentar-se à mesma mesa". Dêsses CAFÉS dois mereceram especial referência: a MAISON ART-NOUVEAU e o Café RICHE, aquela na esquina sudoeste das Ruas Major Facundo e Cel. Guilherme Rocha,

e êste em frente, nos baixos do antigo sobradão do Comendador Machado. O RICHE se inaugurou em 21 de setembro de 1913, propriedade de Alfredo Salgado e Luís Severiano Ribeiro (Sênior), ocupando as três portas da Rua Major Facundo correspondentes, pròpriamente, ao sobradão. Nas duas portas vizinhas do lado norte da mesma rua, baixos do chalèzinho aqui já referido, um casal de americanos instalou o restaurante BLACK AND WHITE, gerenciado por João Quinderé. "Porque não pudesse manter-se, — informa Girão — encamparam-no os donos do RICHE, que, dêste modo, se ampliou com uma seção de casa de pasto". As mesas e cadeiras estendiam-se sôbre tablados, invadindo as calçadas e a própria Rua Major Facundo, já que na Cel. Guilherme Rocha o movimento dos bondes não permitia essas comodidades. Aí, dentre outras individualidades notáveis das letras cearenses, pontificava o grande vate José Albano, meu alcandorado patrono na Academia Cearense de Letras. E foi com riscos de lápis, sôbre o mármore de uma de suas mesas, que o nosso maior poeta, provocado por Carlos Teixeira Mendes, improvisou o magistral soneto que assim começa:— "Ditoso quem foi sempre desamado..." Outro que ali prodigalizava espírito era o repentista Quintino Cunha, cercado também da admiração dos mais novos. Assim foi até 1926, quando o RICHE fechou, a pedido de Plácido de Carvalho, novo dono do centenário prédio, que em seu lugar queria erguer o Excelsior-Hotel, providência iniciada no ano seguinte. Construído o Excelsior, salvo pequenas interrupções, nêle sempre tem funcionado um hotel que, durante muito tempo, foi considerado o melhor da cidade. Os baixos vêm abrigando pequenas lojas e armarinhos. Vejamos o que tem ocorrido nessas lojas que dão para a Rua Major Facundo.

Nº 442 — Dependência do Excelsior que tem apenas dois pavimentos e uma só porta. Muitos anos dela serviu-se o Pôsto Excelsior, de automóveis de aluguel. Atualmente nela se instala o armarinho Vollece.

N. 446 — Desde que o Excelsior foi construído, essas duas portas têm abrigado o armarinho "A Volga", de propriedade, primeiramente de Isauro Fontenele, depois de Gabriel Aguiar, e, de 1941 até hoje, da firma Grangeiro e Cia. Ltda., cujo sócio principal é o sr. José Grangeiro Amorim.

Nº 450 — Essas duas portas serviram de sede, por algum tempo, à Loteria Federal, já nas mãos de D. Júlia Montenegro Magalhães, viúva do seu antigo representante, o sr. Joaquim Magalhães, e mãe do eminente político brasileiro Juraci Magalhães. Foi posteriormente sede da casa de tecidos de um sr. Monteiro. Há anos que abriga "A Hora Certa", relojoaria de Ernesto Balreira.

N. 454 — Esquina da Rua Major Facundo com a Rua Cel. Guilherme Rocha. Foi, primitifamente, sede da Farmácia Excelsior, integrante do mesmo consórcio farmacêutico de que a Pasteur é a ma-

triz e a Francesa é uma das filiais. A Farmácia Excelsior ocupava duas portas da Rua Major Facundo e duas da Rua Cel. Guilherme Rocha (nº 156). Foi sucedida, neste local, pela Farmácia Francesa, vinda da esquina sudoeste da Rua Major Facundo com a Rua Senador Alencar, conforme vimos. Anos depois, o gerente desta outra farmácia, meu particular amigo, o conhecido católico Alfredo Franco, conseguiu ampliar a sede de seu estabelecimento, adjudicando mais duas portas do Excelsior para o lado da Rua Cel. Guilherme Rocha (nº 160), anteriormente ocupadas pela relojoaria "O Grande Ponto", de Sacok Cisne. As duas portas seguintes da Rua Cel. Guilherme Rocha (nº 162) foram ocupadas pelo Salão Oriente e, depois, pela Livraria Aequitas, primitivamente de propriedade dos Drs. Aderbal Freire e Alísio Mamede. Seguem-se, nesta rua, duas outras portas (nº 166), que sempre serviram de sede à Livraria Imperial, de início pertencente a Anglada e Cia., depois passando às mãos do boníssimo livreiro Clóvis Mendes. É ainda na porta desta livraria que se reúne, tôdas as manhãs, a última roda literária de Fortaleza, cognominada IMPERIAL PORTA, de que fazem parte Martinz de Aguiar, Carlos Studart Filho, Raimundo Girão, Pedro Sampaio, Silveira Marinho, Moreira Campos, René Paiva Dreyfus e outros. A entrada para o hotel tem o nº 172 da Rua Cel. Guilherme Rocha, ornamentada de bela marquise de metal e vidro e de largo e artístico portão metálico. A seguir, na mesma rua, vêm seis lojas, cada uma servida de duas portas. Na de nº 176 está o armarinho "A Ideal". Na de nº 180, a casa de jóias e relógios "Angert". Na de nº 184, a Casa Movado, de ótica e relógios. Na de nº 188, a Casa Rio, de calçados. Na de nº 192, o "Cearàzinho", café e sorveteria. E na de nº 196 está o "Sansão", casa de oculos e relógios.

Com o Excelsior-Hotel termina o 4º e último quarteirão do lado da sombra da antiga rua da Palma, visto como a atual Rua Major Facundo passava a denominar-se, da Praça do Ferreira em diante, rua do Fogo.

**4º Quarteirão (entre a Rua São Paulo e a travessa Pará) — Lado do sol.**

Vejamos como "Outro Aramac" nos descreve a situação dêste trecho da atual Rua Major Facundo no recuado ano de 1845. Sigamo-lo em sua trajetória sul-norte: — "Começava na casa térrea, em que foi erigido o sobrado do barão de Aratanha, seguindo com pequenas casas de tijolo até a esquina da rua, hoje, da Assembléia, onde tinha loja José Maria Eustáquio Vieira."

Percorramo-lo em sentido contrário, já que partimos do Passeio Público em demanda da Praça do Ferreira, trecho da cidade então denominado Rua da Palma.

Ns. 353-357 — Nesta esquina da Rua Major Facundo com a Rua São Paulo, antiga da Assembléia, levanta-se o Edifício Fontenele, prédio de apenas dois pavimentos, com portas rasgadas por conveniência comercial. Nos altos (entrada pela Rua São Paulo), diversas salas para escritórios. Nos baixos, algumas lojas, inclusive o Armazém Bandeirante, instalado na esquina, pertencente ao nosso antigo colega de Liceu do Ceará, Xafy Ary. Aliás, êsse Armazém ampliou-se há pouco tempo, ocupando igualmente o prédio vizinho, hoje sem numeração, conforme veremos.

No local do Edifício Fontenele existiam, antigamente, duas casas térreas de duas portas cada uma. Na da esquina (correspondente ao n. 353 atual), por volta de 1845, tinha loja José Maria Eustáquio Vieira, na informação transcrita de "Outro Aramac". Já no comêço do corrente século, ali estava instalada a Casa Marçal, loja de modas. No meado da segunda década da presente centúria para essa casa, hoje desaparecida, se mudou a Casa Petrópolis, mercearia pertencente a João Sobreira, vinda do prédio da mesma rua que atualmente recebe os ns. 414-418, conforme vimos na ocasião própria. Seguiu-se à Casa Petrópolis o negócio de Kalil Otoch, até, se não estamos enganados, a derrubada da casa e de sua vizinha, para no local ser construído o Edifício Fontenele, de Isauro Fontenele.

Nessa casa vizinha, correspondente ao n. 357 atual, tinha sede uma fábrica de guarda-chuvas pertencente a João Pinto, assim pelos fins do século passado ou princípios do corrente. Com o crescimento da Casa Marçal, esta sucedeu neste local à fábrica de guarda-chuvas. Ao que nos consta, ali estêve, depois, a agência do saudoso comerciante João Matos, não há muito falecido e com escritório, já então, na Rua Senador Pompeu. Foi a velha casa, igualmente, derrubada, para em seu terreno e no da vizinha ser construído o Edifício Fontenele, como ficou dito atrás.

S. n. — Casa hoje térrea, antigamente dispondo de pequenino sobrado, composta de duas portas, atualmente rasgadas por conveniência comercial. Presentemente, dependência do Armazém Bandeirante, como ficou dito.

Gustavo Barroso informou-nos pessoalmente que, no seu tempo de menino, aí se abrigava a Tabacaria de Adolfo Gonçalves de Siqueira. Enquanto Rafael Dias Marques, curioso de coisas antigas da cidade e o primeiro chofer que o Ceará conheceu, nos fêz referência à Barbearia do Israel, aí instalada anos passados.

Fotografia do quarteirão, tirada na terceira década do corrente século, nos mostra que neste prédio então se abrigava uma alfaiataria.

N. 371 — Sobrado de dois pavimentos e três portas, hoje rasgadas por conveniência comercial, depois de substancial reforma no velho prédio.

Pertenceu a Joaquim da Fonseca Soares e Silva, parente afim do

Barão de Studart, pois foi marido de Teresa Leopoldina de Castro Barbosa, pais de João da Fonseca Barbosa que, por sua vez, se casou com uma irmã do Barão, Leopoldina Studart da Fonseca, de cujo consórcio nasceu o dr. Eliéser Studart da Fonseca, antigo Fiscal Federal junto ao Liceu do Ceará no tempo em que lá estudávamos. Nessa casa nasceu o Barão de Studart, embora sòmente há pouco tenha sido ela identificada. É que, conforme foi dito aqui, o próprio Barão declarou que nascera no prédio n. 73 da Rua da Palma, esquecendo, porém, de modernizar a sua numeração, duas vêzes alterada. Hoje, não resta dúvida quanto a essa identificação, conforme consta da ata da sessão do Instituto do Ceará realizada a 4 de dezembro de 1957.

Em fins do século passado, disse-nos Gustavo Barroso que nesse sobrado estava instalada a loja "A Magnólia", acêrca da qual acrescentou uma curiosidade: — certa ocasião, um raio penetrou pela frente do prédio e saiu por trás, deixando o rasto, mas sem causar maiores prejuízos.

Vindo do prédio n. 321 da mesma rua, onde instalara uma ourivesaria, conforme vimos, aqui se estabeleceu com uma joalheria Manuel E. Maia (Neco Maia), futuro administrador da Emprêsa Funerária e pai do construtor José Barros Maia (Mainha). Temos da joalheria de Neco Maia uma fôlha de seu livro de contas, onde se vê que, na segunda década do século atual, o velho prédio ainda era assinalado pelo n. 73. Mais uma prova, até hoje desconhecida, de que era êsse o prédio a que se referiu o Barão de tudart como sendo o de seu nascimento.

Aqui também estêve, segundo informação de Rafael Dias Marques, o Restaurante Cascatinha, antes de ocupar o prédio n. 414 da mesma rua, já referido.

Nesse sobrado, que foi há tempos reformado, abriga-se atualmente o Centro Elétrico, de Flávio Parente.

N. 377 — Antigamente casa térrea de duas portas, hoje sobradinho de portas rasgadas por exigência do movimento comercial, onde se abriga a Casa Bicho, especialista em artigos para homens.

Nesse prédio, no comêço do século corrente, se instalou a "Tôrre Eiffel", loja antes pertencente a Antônio Fiúza Pequeno e Álvaro Mota e, depois, a Paulo Morais (Sênior). Essa loja aqui ficou até 1911, quando se transferiu para a sua atual sede, n. 402 da mesma rua, conforme vimos.

Ns. 383-387 — Sobrado de três portas, atualmente rasgadas por necessidade do movimento comercial, onde se acha hoje instalado o Banco da Produção Cooperativa Ltda.

Era ocupado, no comêço do século, pela casa de jóias do judeu francês Benoit Levy, pai de criação do popular Zé Levy, antigo funcionário da Prefeitura Municipal de Fortaleza e eterno candidato a

cargos eletivos, demostênicamente disputados. Dêle, Raimundo Girão nos fornece precioso retrato: — "Nunca houve, por certo, quem pronunciasse tantos discursos tolos. Fôsse por que motivo fôsse, notadamente os da praça pública, defendendo os direitos do povo. A sua logomaquia de rebelado contra os governos era irresistível. O Coreto da Praça do Ferreira não arrebentou de tanta vibração porque era um monstro de alvenaria, sòlidamente ali colocado (...) Espirituoso, tagarela, agradava na palestra e ninguém o desestimava. (...) Morreu deixando vácuo ainda impreenchido." ("Geografia Estética de Fortaleza", idem, pág. 343.)

Depois de inquilinos para nós desconhecidos, aqui estiveram os importadores Aniz Cherab & Cia., antes do Banco da Produção Cooperativa Ltda.

N. 391 — Casa térrea de três portas, hoje rasgadas por imposição do movimento comercial, abrigando atualmente uma barbearia.

No início do corrente século, neste prédio se instalou a casa de jóias de Edmund Levy e outro judeu francês cujo sobrenome era Dreyfuss, segundo informação que nos prestou Rafael Dias Marques.

N. 397 — Prédio térreo de uma só porta larga, seccionada, há muito, do prédio vizinho (n. 403), onde atualmente se acha o Cartório Ponte, do Dr. Francisco Ponte e hoje nas mãos de seu filho Afrânio, nosso colega de folguedos infantis na Rua Barão do Rio Branco.

Segundo informação que nos foi prestada por Rafael Dias Marques, no início do século aí tinha uma lojinha de bijuterias e miudezas o judeu francês Edmund Levy, também estabelecido com joalheria na casa vizinha (n. 391), conforme vimos.

N. 403 — Casa térrea de três portas, atualmente ocupada pela Livraria Morais que, conforme vimos antes, já estêve em prédio fronteiriço (n. 408) e na Praça do Ferreira.

No início do século atual, nessa casa estêve instalada a relojoaria e joalheria de Dimitri Dibe, segundo informação que nos foi prestada por Rafael Dias Marques.

Assim pela década de 1930, aqui estêve a firma J. Lopes & Cia., antes da construção do Edifício Lopes, n. 286 da mesma rua.

Primitivamente (o frontispício o indica) compreendia um só prédio com a porta larga vizinha (n. 397), e parece ser uma das casas mais antigas do quarteirão, conservando ainda hoje seu primitivo estilo.

S. n. — Edifício de doze pavimentos e uma sobreloja, já quase concluído, de propriedade de Carlos Jereissati, com frentes para a Rua Major Facundo e a travessa Pará. No térreo e na sobreloja já se acha instalada uma das LOBRAS (Lojas Brasileiras, mais conhecidas por 4.400), enquanto os altos se destinam a um modernissimo hotel, com entrada pela Rua Major Facundo.

Edificado no local de dois prédios antigos, [illegible], uma velha casa

térrea de [illegible], cujo terreno foi depois levantado em sobrado [illegible] e mais sobrados de dois pavimentos, para quem [illegible] Major Facundo e várias para a travessa Pará, [illegible] térrea [illegible] funcionava o depósito e a [illegible] Albano, cujo chefe era o Barão de Aratanha. Em seu [illegible], como foi dito, levantou-se um sobrado de três portas, em cujos baixos estêve, por muitos anos, a Livraria "Seleta", depois seguida pela Livraria "Quinderé", hoje instalada em prédio fronteiriço (n. 388 atual), enquanto nos altos se abrigou o jornal "O Nordeste". Já depois de o diário católico se ter transferido para a sede própria que construiu na esquina das Ruas General Sizerril e Pedro Pereira, o sobrado veio a incendiar-se, conservando-se assim durante anos, até sua demolição para no local ser levantado o edifício de Carlos Jereissati.

No sobrado da esquina da Rua Major Facundo com a travessa Pará estêve por dilatados anos a Casa Albano. Era um casarão que ocupava *todo* o terreno compreendido entre as Ruas Major Facundo e Floriano Peixoto, onde hoje se levantam os edifícios da "Sul-América — Seguros de Vida" e de Carlos Jereissati. Esse sobrado possuía quatro portas e outras tantas janelas para a Rua Major Facundo e diversas para a travessa Pará, sem falar nas quatro que davam para a Rua Floriano Peixoto, em cujo ângulo com a travessa Pará (baixos) estêve, por vários anos, a loja "Liberdadera".

Fechada a Casa Albano, passou os baixos da esquina da Rua Major Facundo com a travessa Pará a Livraria Araripe, onde se reuniu a terceira roda de livraria de que se tem notícia no Ceará, sendo a primeira a da Livraria Araújo, [illegible] a velha Intendência Municipal, e a segunda a da "Libro-[illegible] Bibe", depois Livraria do Banco do Ceará e, finalmente, [illegible] ali na esquina sudoeste das Ruas Major Facundo e São Paulo, conforme foi visto.

A Livraria Araripe se deve o mérito de ter introduzido o costume das congêneres de expor à venda apenas livros didáticos, de procura certa e lucro [illegible]. Foi ela que generalizou o conhecimento das obras de [illegible], Aluísio Azevedo, José de Alencar, Eça de Queirós, Artur Azevedo, Fialho de Almeida, Teixeira de Queirós, Emílio Zaluar, Júlio Ribeiro, Juvenal Galeno e outros, [illegible] de [illegible] que [illegible] — "Foi assim que Oscar Araripe, o [illegible] da Livraria, teve o mérito de concorrer para [illegible] a intelectualidade conterrânea" ("*Geografia e [illegible] de Fortaleza*, Idem, pág. 200"). Entre êstes, Rodolfo Teófilo, [illegible] Albano, Irineu Filho, Beni Carvalho, Mozart Pinto, Elcias Lopes, [illegible] Galeno, Sales Campos, Herman Lima, Clóvis Monteiro, Gilberto Câmara, Leiria de Andrade, Dolor Barreira, Monte Arrais, Antônio Furtado, Raimundo Girão e o influente político caririense Floro Bartolomeu da Costa.

Fechada a livraria, não sabemos se com a intercalação de outros

inquilinos, a esquina do velho sobradão dos Albanos foi ocupada pela Casa Baiana, vinda do prédio n. 394 da mesma rua, como vimos oportunamente. Posteriormente, veio para os baixos da esquina nordeste da Rua Major Facundo com a travessa Pará o "Auto Elétrico", de Carlos Juaçaba e Filhos, depois transferido para o prédio n. 339 da Rua Major Facundo, conforme vimos, quando da demolição do velho sobrado dos Albanos, para no local ser construído o imponente edifício de Carlos Jereissati.

Aqui termina o quarto quarteirão, lado do sol, da Rua Major Facundo, menor do que o quarteirão fronteiriço, face à existência da travessa Pará, que separava essas construções particulares do velho prédio da Intendência Municipal e da Casa de Correção.

**5º Quarteirão (entre a travessa Pará e a Praça do Ferreira, por onde passa a Rua Cel. Guilherme Rocha) — Lado do sol.**

Dêsse pequenino quarteirão, em 1845, "Outro Aramac" assim nos fala: — "Composto exclusivamente da Casa de Correção, fundo da Câmara Municipal, olhando para o sobrado de dois andares do coronel Machado."

No local da antiga Casa de Correção, a que alude "Outro Aramac", erigiu-se em 1946 o monstruoso Abrigo Central. Para tanto foi mister demolir as casas diversas, até então alugadas a pequenas lojas cafés, bares, etc., em que a Prefeitura transformou a velha Casa de Correção, depois da construção da já obsoleta Cadeia Pública, hoje na quadra compreendida entre as Ruas Dr. João Moreira, Senador Pompeu, Senador Jaguaribe e General Sampaio, enquanto não se conclui a Penitenciária de Amanari.

No que tange à frente do conjunto municipal que dava para a Rua Major Facundo, fazendo esquinas com a travessa Pará e a Praça do Ferreira, era de um só pavimento e dispunha de seis portas, servindo duas delas a cada uma das três lojas ali existentes. Nas primeiras décadas do século atual, na esquina da travessa Pará abrigava-se o Auto-Sport, sucedido, anos depois, pelo Auto-Volante, especialista em "combustíveis e acessórios para automóveis em geral", como se achava escrito no frontispício de sua **marquise** de madeira, atualmente estabelecido na esquina das Ruas Cel. Guilherme Rocha e General Bizerril. Quanto à loja do meio, abrigou diversos estabelecimentos comerciais, enquanto na da esquina da Praça do Ferreira funcionou o frequentado Café Emídio, dos irmãos Emídio, instalado também em outros pontos da cidade. Foi, finalmente, demolido, conjuntamente com o prédio de dois pavimentos da Intendência Municipal, o velho prédio da Casa de Correção, que dispunha de 12 portas (6 lojas) para a Praça do Ferreira e outro tanto para a travessa Pará, que de tantos sofrimentos deve ter sido testemunha muda, ao

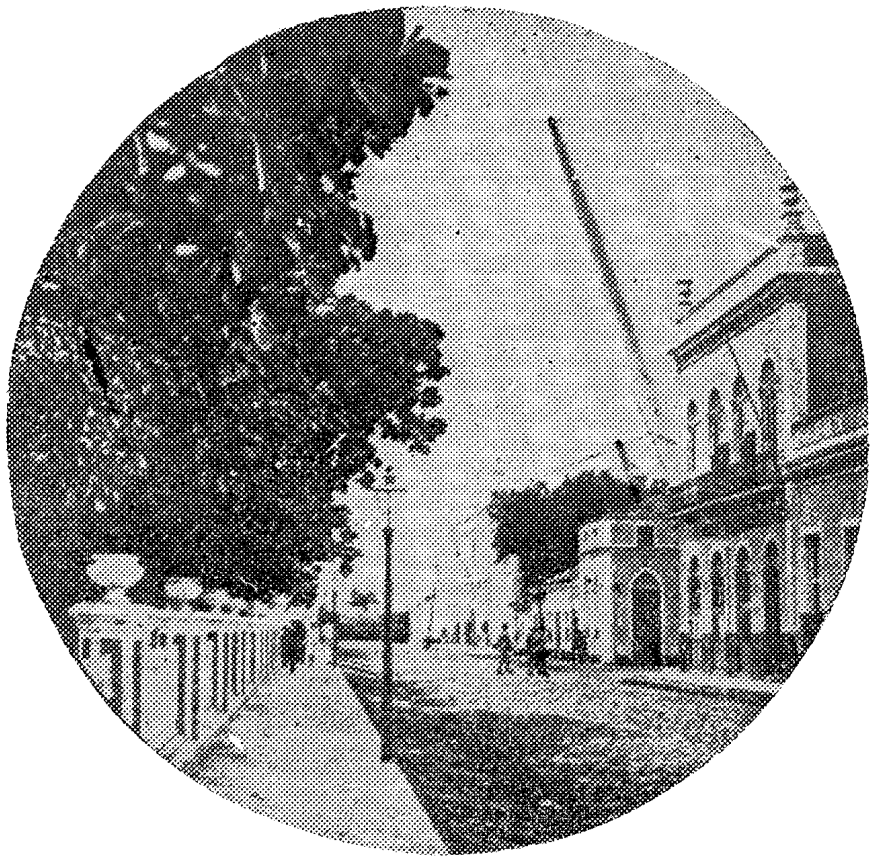
tempo em que a miséria humana ainda admitia, entre nós, a prisão perpétua e a pena capital.

Com êsse pequenino quarteirão da Rua Major Facundo termina a antiga Rua da Palma, visto como, da Feira Nova (Praça do Ferreira) em diante, a velha artéria se denominava Rua do Fogo.

Damos, destarte, por findo o ingente trabalho a que nos submetemos voluntária e gostosamente, malgrado os tropeços e dificuldades que teríamos de enfrentar. A tanto nos levou o amor que temos a esta cidade!

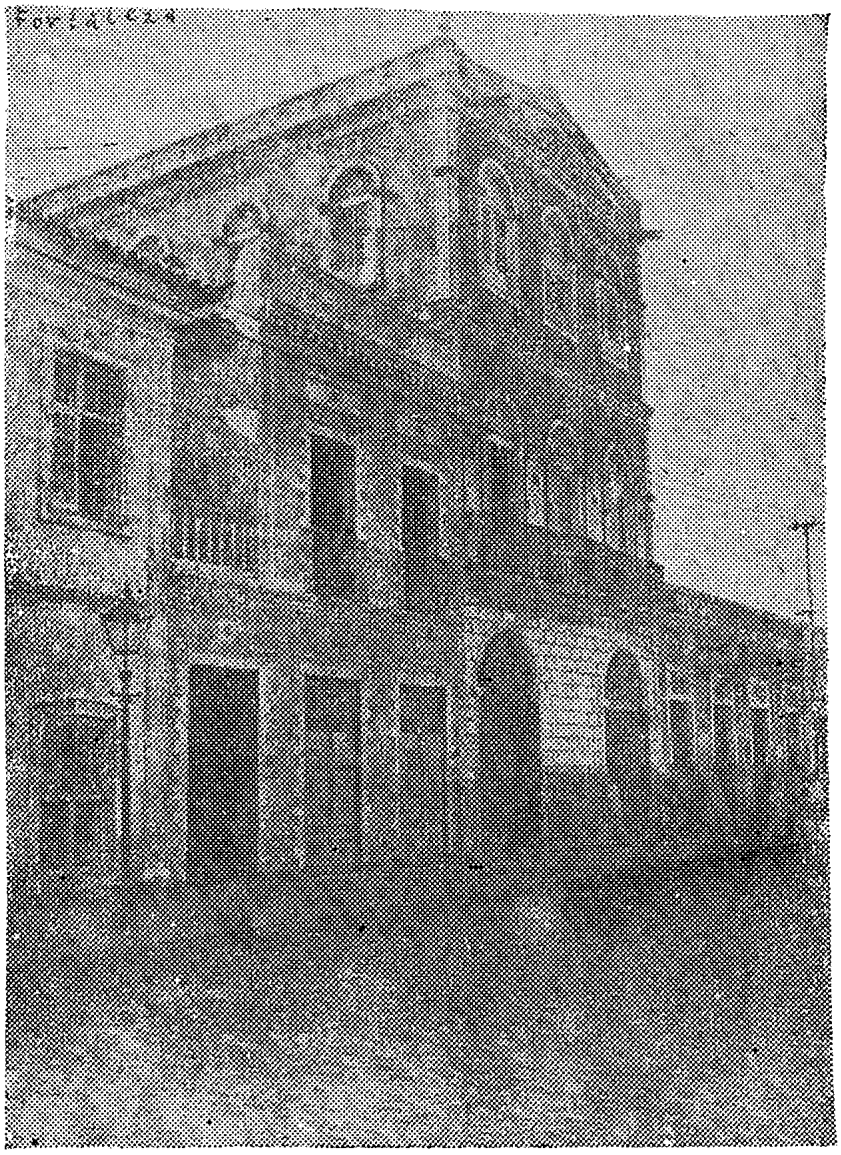
---

**Publicado nos suplementos literários de "Unitário", a partir de 9-8-1959.**

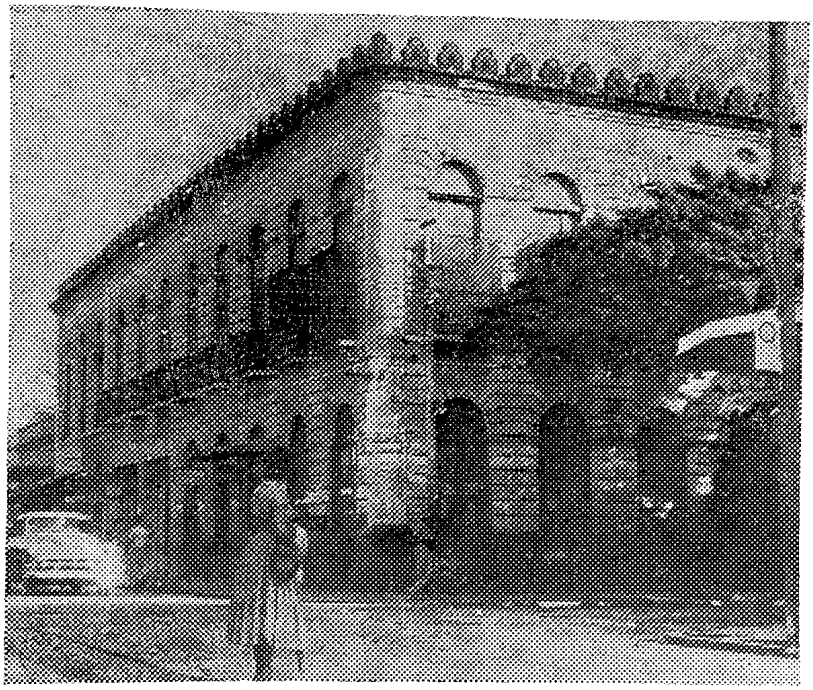


Rua Dr. João Moreira (da Misericórdia) no comêço do século, vendo-se parte do gradil do Passeio Público, o prédio onde se instalaria o "Pálace Hotel" e o sobradinho das Mississipi

Início da rua Major Facundo nos primeiros anos do século: vêem-se, à direita, o prédio onde se instalaria o "Pálace Hotel", antes das reformas dos anos 1925/27 e 1944/45, seguido de outras casas do quarteirão; e, à esquerda, o sobradinho das Mississipi e alguns prédios do lado do sol

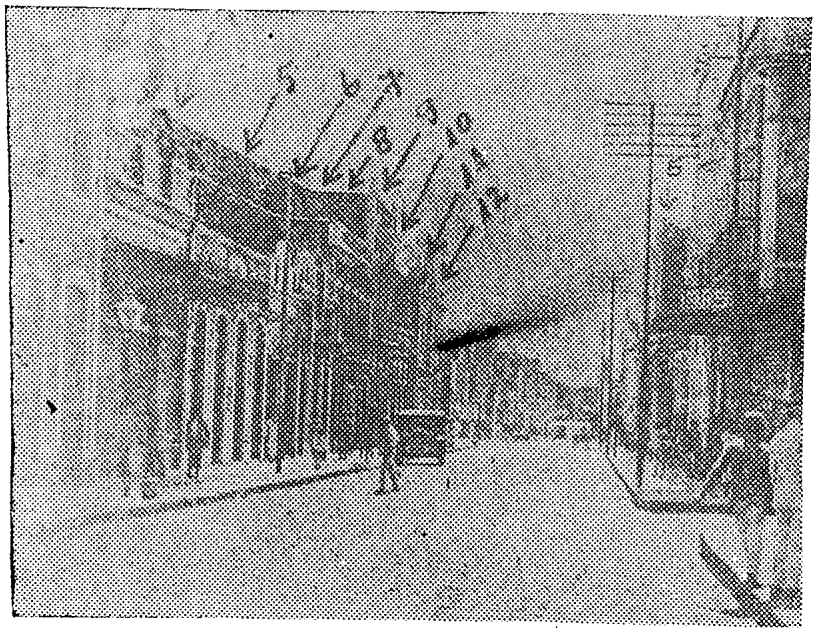


Sobrado do Dr. José Lourenço (3 pavimentos), onde estêve, por longos anos, o Tribunal da Relação do Ceará e, por pouco tempo, a Prefeitura Municipal de Fortaleza. Ao seu lado, o sobradinho do Pe. Salazar da Cunha, aparecendo, ainda, parte do sobrado do pai de Gustavo Barroso, onde o grande escritor conterrâneo passou a sua meninice. Êstes dois últimos já desapareceram, para no local levantar-se novo prédio (nºs. 160-170)

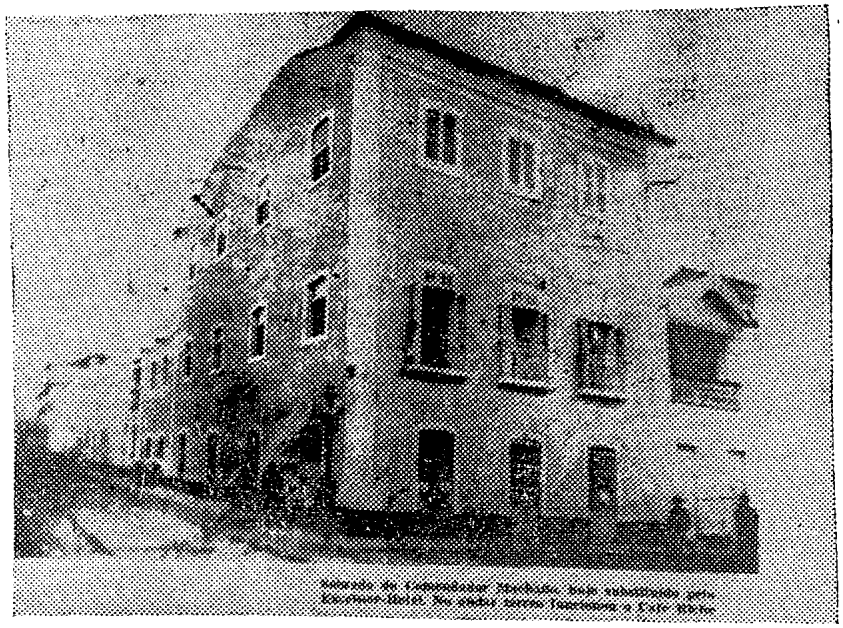


Sobrado do Barão de Ibiapaba — Nºs. 216-220 da rua Major Facundo

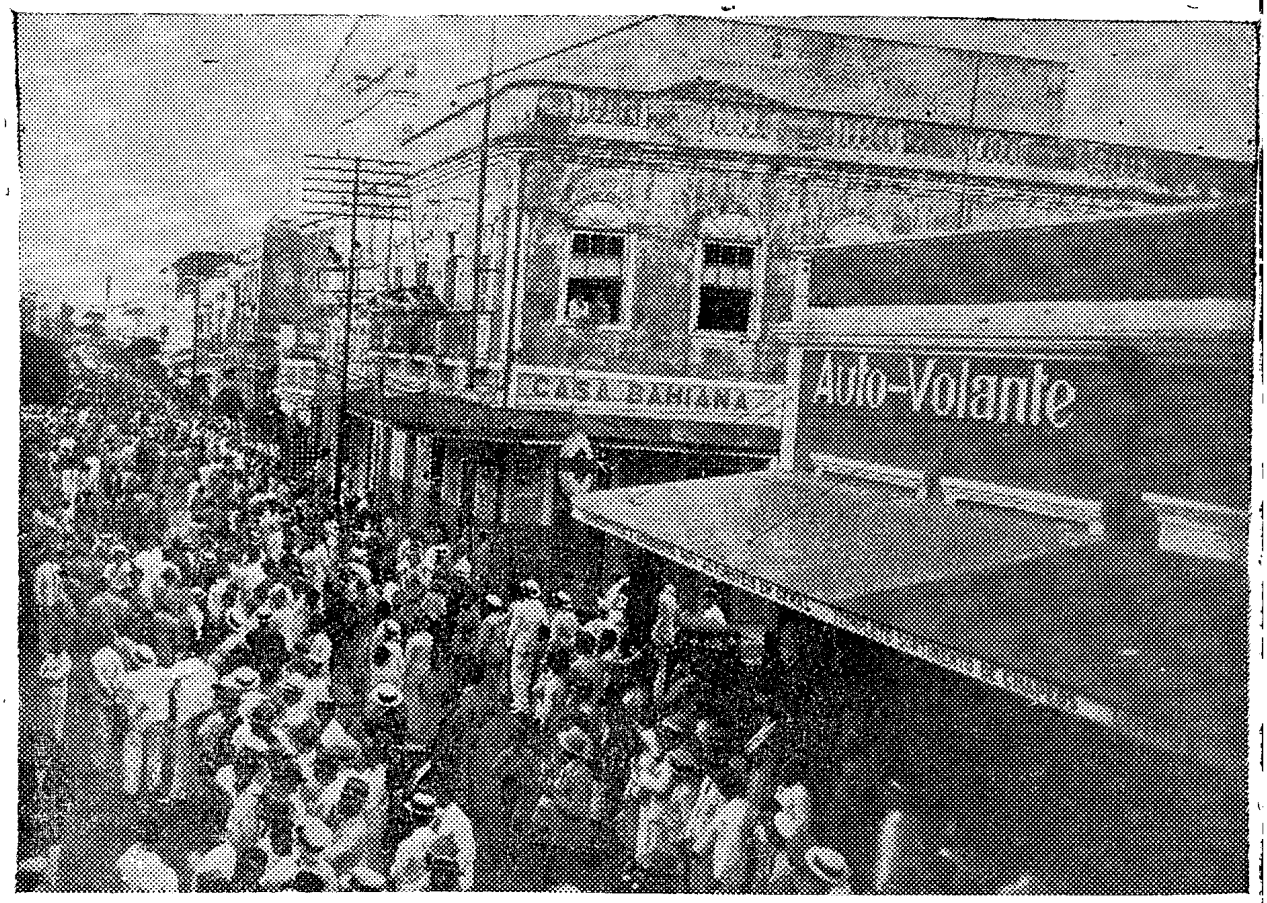
Prédio em que residia e foi assassinado o Major Facundo em 1841. Desde 1854 até 1959, nêle funcionou a Casa Vilar



Fotografia antiga de trecho do 4º quarteirão (lado da sombra) da rua Major Facundo



Sobradão do Comendador Machado, construído em 1825 e demolido em 1927 para no local ser levantado o Excelsior Hotel. Nos seus baixos funcionou, de 1913 a 1926, o Café Riche




Fotografia onde se vê parte do 4º e do 5º quarteirões da rua Major Facundo, lado do sol, na terceira década do século atual, em dia no qual a cidade aguardava a visita do Ministro José Américo de Almeida. Vêem-se, dentre outros prédios, o sobradão dos Albanos, então abrigando a Casa Baiana, e parte da antiga Casa de Correção, depois transformada em dependências para aluguel, hoje desaparecidas com a construção do Abrigo Central em uma das quais estêve o Auto-Volante